Adelita Maria Rozetti Frulane

Na Trilha de um Vencedor

O Herói São João Paulo II

Canção Nova
EDITORA

Direção Geral: Fábio Gonçalves Vieira
Editora: Daniela Costa Miranda
Revisão: Thuâny de Fátima Simões Ferreira dos Santos
Texto, Design, Ilustrações: Adelita Maria Rozetti Frulane
Supervisão Design: Roberto Moreira
Supervisão Infantojuvenil: Priscila Abreu

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Primeira edição: 2005
Edição atualizada: 2015

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua São Bento, 43 - Centro
São Paulo/SP - CEP: 01011-000
Telefax: [55] (11) 3106-9080
E-mail: editora@cancaonova.com
Twitter: @editoracn

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-082-4

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2015.

BÊNÇÃO APOSTÓLICA

SECRETARIA DE ESTADO

PRIMEIRA SECÇÃO - ASSUNTOS GERAIS

Vaticano, 13 de janeiro de 2009

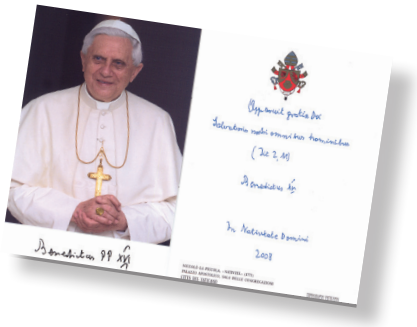
Prezada Senhora,

Num ato de devotada homenagem a Sua Santidade o Papa Bento XVI, como transparecia da filial dedicatória aí exarada, teve a gentileza de oferecer-Lhe o livro, de sua autoria, intitulado «Na Trilha de um Vencedor».

Ao desempenhar-me do honroso encargo de exprimir-lhe o agradecimento do Sumo Pontífice pelo gesto deferente, posso acrescentar que Ele, invocando do Altíssimo sobre a senhora Adelita Rozetti e seus seres queridos as mais abundantes graças e favores divinos, concede-lhes, com benevolência a corroborar prece, ao enviar-lhe a imploradas Bênção Apostólica.

Aproveito o ensejo para lhe afirmar protestos de fraterna estima em Cristo Senhor.

Mons. Gabriele Caccia
Assessor



Exma. Sra.
Adelita **Rozetti Frulane**

CACHOEIRA PAULISTA (SP)

"João Paulo II abriu a Cristo a sociedade, a cultura, os sistemas políticos e econômicos, invertendo, com a força de um gigante – força que lhe vinha de Deus –, uma tendência que parecia irreversível. Com o seu testemunho de fé, de amor e de coragem apostólica, acompanhado por uma grande sensibilidade humana, este filho exemplar da Nação Polaca ajudou os cristãos de todo o mundo a não ter medo de se dizerem cristãos, de pertencerem à Igreja, de falarem do Evangelho. Numa palavra, ajudou-nos a não ter medo da verdade, porque a verdade é garantia de liberdade."

Papa Emérito Bento XVI

(Por ocasião da Beatificação de João Paulo II)

"João Paulo II continua a nos inspirar. Inspiram-nos as suas palavras, os seus escritos, os seus gestos e o seu estilo de serviço. Inspira-nos o seu sofrimento vivido com esperança heroica. Inspira-nos a sua entrega total a Cristo, Redentor do homem, e à Mãe de Deus."

Papa Francisco

(Por ocasião da Canonização de João Paulo II)

APRESENTAÇÃO DE DOM EUGÊNIO SALES

Cardeal D. Eugenio de Araujo Sales

Arcebispo Emérito de São Sebastião do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - Brasil

O Concílio Vaticano II nos recorda um ensinamento fundamental de Jesus Cristo para toda a humanidade: a vocação à santidade, cuja manifestação deve se dar "nos frutos da graça que o Espírito Santo produz [...], e se exprime nos indivíduos que em sua vida tendem à perfeição da caridade, edificando assim os outros" (LG 39).

Estas palavras produzem o profundo significado da vida do Santo Padre João Paulo II. Um homem que experimentou Deus e soube torná-Lo presente através do seu testemunho e em todas as circunstâncias, até mesmo nas mais adversas, sem se deixar abater nem desanimar dos seus ideais.

Por isso, tornou-se ícone para todo o mundo, sendo lembrado como Pastor da Igreja. A exemplo de Cristo, o Bom Pastor.

Fez da sua vida uma cotidiana realização da caridade, sentindo compaixão pelas multidões cansadas e esgotadas (Mt 9,36) e tornando realidade o anúncio profético do Messias Salvador.

A partir de diversos acontecimentos, Na Trilha de um Vencedor proporciona, particularmente às crianças, a oportunidade de conhecer um pouco mais da vida desse homem que se tornou Papa.

Com uma linguagem simples, traduz o ensinamento do Pastor que modelou sua vocação, desde a infância, no amor a Deus, à família e ao próximo. É louvável a iniciativa deste livro, porque através de sua leitura percebemos quais foram as origens de tantas atitudes importantes tomadas por João Paulo II durante os seus 27 anos de Pontificado e que marcaram nossa época. Dirigido às crianças, torna-se um instrumento de evangelização, pois nos recorda as Palavras de Cristo: "Vinde a mim as crianças" (cf. Mt 19,14), tão bem interpretadas pelo Santo Padre que, em sua vida, dedicou uma atenção especial a esses pequeninos.

É ainda um estímulo a todos aqueles que conheceram, ouviram e aprenderam a verdade de Cristo por meio da vida e do testemunho desse Papa. Seu apelo aos jovens, em evidência logo nas primeiras páginas do livro, estende-se a todos: ***"Não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo".***

Cardeal Dom Eugenio de Araujo Sales
Arcebispo Emérito da Arquidiocese do Rio de Janeiro

Nota: Dom Eugênio foi amigo de João Paulo II. Faleceu em 2012.

AOS JOVENS

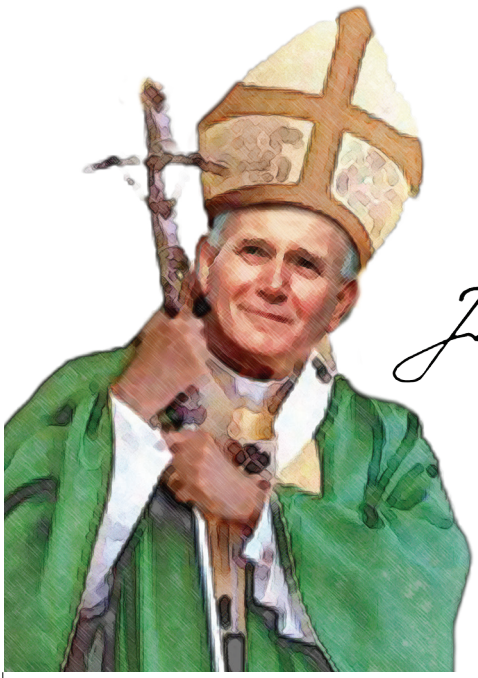
"Queridos jovens e adolescentes: não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo! Abri os vossos corações, vidas, dúvidas, dificuldades, alegrias e afetos à Sua força salvadora e permita que Ele entre nos vossos corações.

Não tenhais medo!

Cristo sabe o que existe dentro do homem. Só Ele o pode saber.

Foi o que eu disse no dia 22 de outubro de 1978, quando eleito Papa. E hoje, repito-o com a mesma convicção e com o mesmo vigor, enquanto vejo resplandecer nos vossos olhos a esperança da Igreja e do mundo. Sim, permita que Cristo reine nas vossas jovens existências e servi-O com amor.

Servir a Cristo
é liberdade!"



Joannes Paulus PP II

Jubileu dos Jovens
(Basílica de São João, 15 de agosto de 2000)

EU E O PAPA

Tinha onze anos quando vi pela televisão a fumaça branca sair pela chaminé do Vaticano, sinal de que um novo Papa havia sido eleito. Era dia 16 de outubro de 1978, e foi emocionante. Ele chamava-se Karol Wojtyla e vinha da Polônia. Tinha 58 anos, um bonito sorriso e era muito simpático. Escolheu o nome de João Paulo II, e uma das primeiras coisas que disse de sua janela, para a multidão que se encontrava na Praça São Pedro, em Roma, foi: ***"Não tenham medo!"***

Dessa mesma janela, durante 27 anos, assisti pela televisão, todas às quartas, domingos e festas, o Papa falar para o mundo inteiro. Como um bom pastor, João Paulo II sempre cuidou bem de suas ovelhas, influenciando-nos, com sua maneira de pensar e agir, a seguirmos fiéis a Jesus e à Sua Igreja.

Assim, cresci amando e respeitando o nosso Papa, que também sempre demonstrou muito amor por nós. Com ele aprendi que nada é impossível para quem trilha o caminho de Jesus: **a trilha de um vencedor!**

Adelita

ESTOU CONTENTE

João Paulo II amou os jovens até na hora da sua morte. De sua cama, ouvindo os cantos dos jovens que rezavam por ele na praça, disse: ***"Eu procurei por vocês. Agora vocês vêm até mim. E eu agradeço".***

Na noite de sábado de 2 de abril de 2005, ergueu a mão em direção à janela, abençoando as milhares de pessoas que estavam na Praça São Pedro. Lá, todos olhavam, rezando, para a janela do quarto do Papa, que seguia com as luzes acesas, sinal de que ele ainda vivia. De sua cama, João Paulo II balbuciou: ***"Amém".***

A luz do quarto se apagou, e outra se acendeu no Céu. Ele nos deixou um bilhete, que escreveu com a ajuda de seu secretário, que dizia: ***"Estou contente. Estejam vocês também".***

Seu funeral reuniu duzentos líderes mundiais, entre eles, chefes de estado de nações inimigas que, numa trégua em sua memória, sentaram-se lado a lado. Assim conseguiu, na morte, a paz pela qual lutara por toda a vida. João Paulo II, grande devoto de Nossa Senhora, morreu em um sábado, na véspera da Festa da Misericórida, devoção que ele espalhou da Polônia para o mundo.

SANTO JÁ!

O papa João Paulo II foi beatificado no dia 1 de maio de 2011 por seu amigo, papa Bento XVI, e canonizado em 27 de abril de 2014 pelo papa Francisco. Uma multidão de 800 mil peregrinos de várias partes do mundo participaram da cerimônia de canonização. Durante todo o domingo, 3 milhões de pessoas passaram pelo Vaticano para ver as relíquias de São João Paulo II e de São João XXIII, que também fora canonizado nesse dia.

O papa Francisco escolheu para reconhecer João Paulo II um santo da nossa Igreja na Festa da Misericórdia porque foi ele quem difundiu essa devoção pelo mundo e beatificou Santa Faustina. Interessante... Jesus, além de falar da devoção à Sua Misericórdia, também disse a Santa Faustina: "Amo a Polônia de maneira especial... Dela sairá a centelha que preparará o mundo para a Minha vinda derradeira". Centelha quer dizer uma faísca que se desprende do fogo e brilha por um instante. Desse instante, que foi a vida de João Paulo II, fomos iluminados pelo seu testemunho de que, mesmo que tudo ao redor esteja em ruínas, o bem sempre vence! Não tenhais medo!

JOÃO PAULO II, O GRANDE

João Paulo II escreveu livros, gravou CDs, foi o primeiro Papa a utilizar a Internet. Ajudou a mudar os rumos da história usando seu poder diplomático para conseguir o fim do comunismo na Europa, onde as pessoas não tinham liberdade religiosa e de imprensa. Também usou sua influência para conseguir o perdão da dívida externa de países pobres e para implorar pela paz, sempre que ameaçada.

Defendeu os direitos das nações e a construção de uma civilização baseada na solidariedade. Doesse a quem doesse, era a voz da consciência cristã para o mundo. Tentaram até matá-lo, mas nada calou sua voz. Falou em vários idiomas por 27 anos, em documentos, microfones e, quando doente e com a voz a faltar, falou com sua presença. Nunca se envergonhou da deficiência física adquirida na velhice e, com muita dignidade, sempre esteve onde precisou estar. Ele foi "o cara": João Paulo II, o grande!

A BÊNÇÃO JOÃO DE DEUS

O papa João Paulo II visitou o Brasil três vezes: na primeira vez, chegou ao meio-dia de 30 de junho de 1980, beijou o nosso chão ao descer do avião e percorreu treze cidades em apenas doze dias. A segunda foi entre 12 e 21 de outubro de 1991: visitou sete cidades e fez 31 discursos e homilias.

A última visita foi no encontro das famílias, entre 2 e 6 de outubro de 1997, no Rio de Janeiro. Quando tudo terminou, mesmo cansado, depois de tantas apresentações e discursos, de bom humor, girou sua bengala ao estilo "Chaplin", fazendo todos rirem e aplaudi-lo.

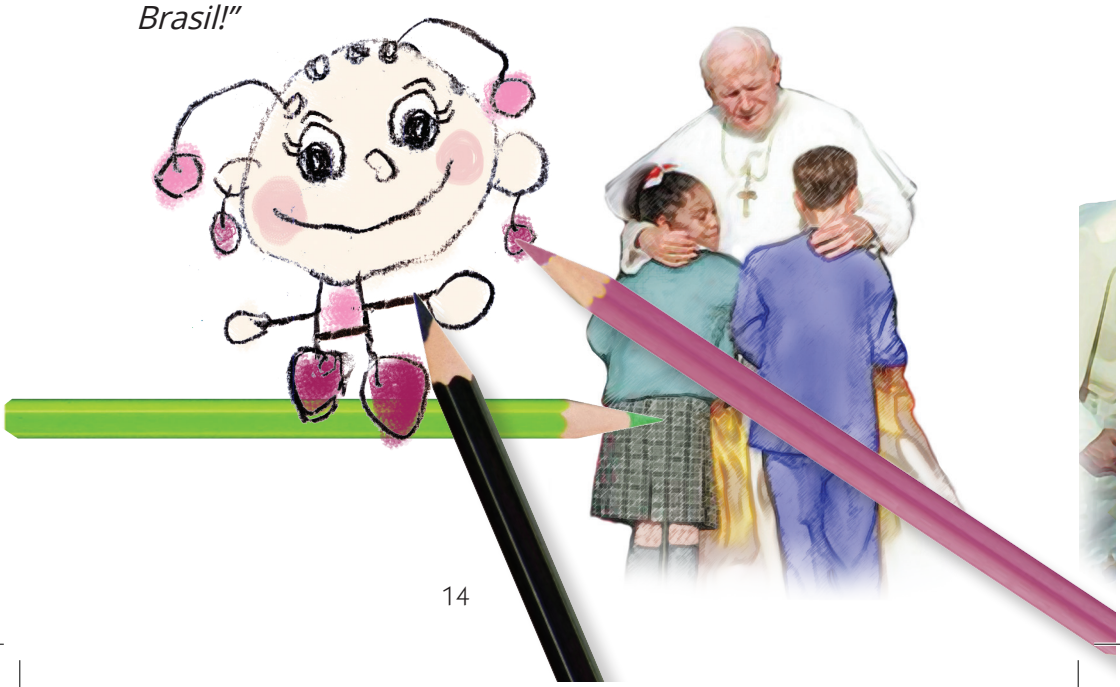
Ainda podemos ouvir sua voz em nossos corações: *"O Brasil precisa de santos!"* Ele beatificou José de Anchieta, o primeiro catequista brasileiro, e declarou santa Madre Paulina, a primeira santa do Brasil.

João Paulo II, em seu pontificado, declarou cerca de 1.400 beatos e 482 santos, mostrando aos cristãos que a santidade é possível para todos.

Em sua segunda visita ao Brasil, em 1991, João Paulo II falou às crianças: "*O Papa ama, de todo coração, as crianças do Brasil! Todas as crianças são importantes, todas! É o Papa quem pede e exige em nome de Deus e de Seu Filho, que foi criança também."* Ele falou o que uma criança precisa para ser tratada com a importância que merece: *"Vocês precisam de uma família, de pais unidos, irmãos que se amam, uma casa harmoniosa e feliz."* E brincou: *"Se vocês querem isso, levantem a mão direita!"* Continuou: *"Precisam de escolas, onde todas, sem exceção, aprendam a ler e a escrever, a fazer as contas e tudo mais que é necessário para crescer na vida.*

Vocês precisam conhecer Jesus Cristo, precisam amá-Lo como seu maior amigo, rezar a Ele todos os dias, sem falta." E brincou novamente: *"Se vocês querem isso, levantem agora a mão esquerda!"* E prosseguiu: *"Precisam também aprender o Catecismo em casa, na escola e na Igreja, preparar-se para a Primeira Comunhão e para a Crisma."* E mais uma vez brincou: *"Se vocês querem isso, levantem as duas mãos!"*

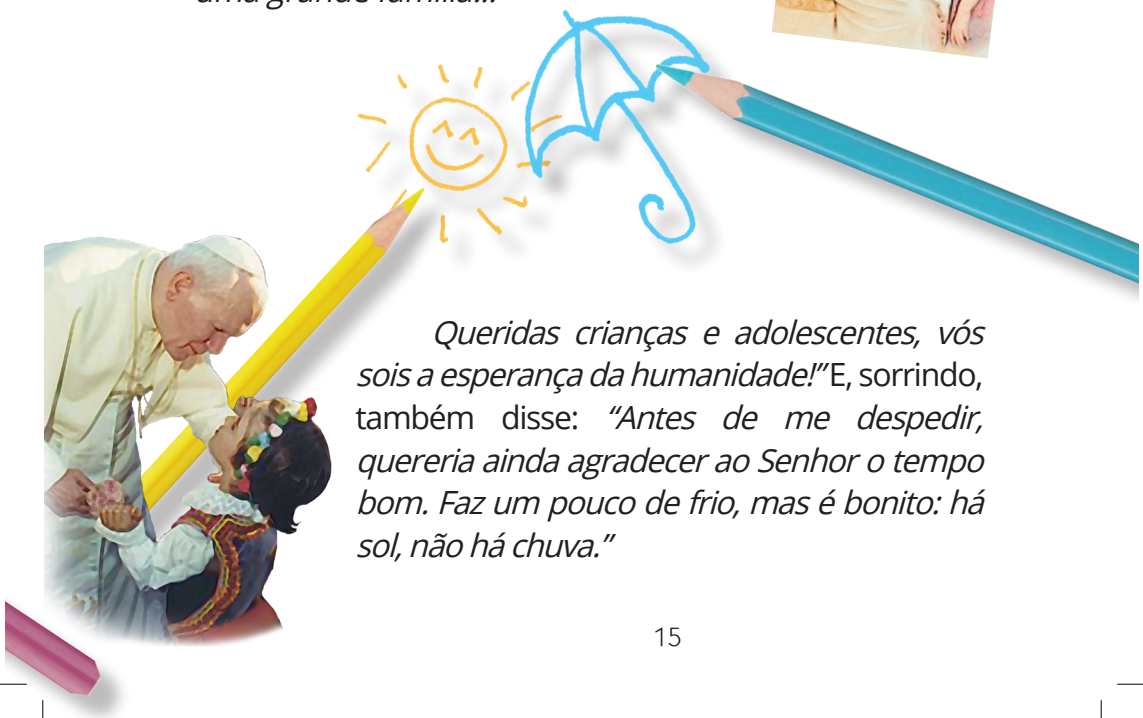
Ele também disse às crianças brasileiras: *"Quero ver vocês crescerem felizes! A alegria de vocês, o entusiasmo com que cantam, gritam e rezam é a maior riqueza e a grande esperança do Brasil! Deus abençoe a todos! Nossa Senhora os proteja! Para vocês, meu grande abraço e a minha bênção! Viva as crianças do Brasil!"*



Aonde ia, em qualquer lugar do mundo, ria para as crianças e as pegava no colo. E, quando estava no Vaticano, enviava ajuda para as mais pobres ou doentes. Também defendeu a vida dos bebês que ainda não tinham nascido, para que fossem queridos e esperados com alegria.

No Jubileu do ano 2000, crianças do mundo inteiro foram a Roma, e o Papa lhes disse:

"Olho para vós com o coração repleto de esperança... Estou muito contente por me encontrar no meio de vós... Testemunhais no mundo que, acolhendo Jesus, é possível fazer da humanidade uma grande família...



Queridas crianças e adolescentes, vós sois a esperança da humanidade!" E, sorrindo, também disse: *"Antes de me despedir, quereria ainda agradecer ao Senhor o tempo bom. Faz um pouco de frio, mas é bonito: há sol, não há chuva."*

João Paulo II gostava muito de estar com os jovens...

Nas Jornadas Mundiais da Juventude, onde cantava com eles, se emocionava com suas histórias, ria... Nada lhe dava mais alegria.

Na Jornada do ano 2000, em Roma, reuniram-se ao seu redor 2 milhões de jovens. Que cantor de rock consegue isso?!

Quando ainda era o jovem sacerdote Karol Wojtyla em seu país, a Polônia, o governo era comunista e proibia as reuniões religiosas. Então, o padre Karol promovia excursões pelas montanhas para os jovens de sua paróquia, encontros divertidos onde praticavam canoagem, jogavam bola e cantavam. Se a polícia visse, não poderia adivinhar que aquele jovem atlético era um sacerdote. À beira do rio, viravam uma canoa, que às vezes faziam de altar, e celebravam ali a missa.

João Paulo II quis preparar a Igreja para o novo milênio. Por isso, visitou 130 países, percorrendo mais de um milhão de quilômetros, o mesmo que 31 voltas ao redor da Terra. Ele disse: *"Pus-me a caminho pelo mundo para anunciar o Evangelho, confirmar os irmãos na fé, confortar a Igreja e para encontrar o homem."* O Papa nos incentivou a ler a Bíblia e os documentos da Igreja. E popularizou o nosso Catecismo, tornando possível a todo católico lê-lo e tê-lo sempre à mão... A gente só ama aquilo que conhece!

Também nos preparou para o Jubileu dos Dois Mil Anos do Nascimento de Cristo, uma grande festa que começou na noite de Natal de 1999, com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro. O Papa disse: *"Entramos por esta Porta que representa Cristo: só Ele é o Salvador enviado por Deus Pai, que nos faz passar do pecado à graça."* Um milhão e quatrocentas mil pessoas foram ao Vaticano para o grande jubileu dos cristãos.

Graças ao amor e dedicação com que João Paulo II empenhou-se na vida em sua missão, hoje, crianças, jovens e adultos sentem uma imensa saudade dele. Agora, dá para imaginar que esse Papa idoso, de bengalinha, já foi um menino bom de bola, que gostava de teatro, esquiar e fazer muitos amigos? Pois é, ele foi assim mesmo.

Agora que você já sabe quem foi e o que fez João Paulo II, está na hora de conhecer o caminho que ele trilhou para ser aclamado por uma multidão de mais de um milhão de pessoas que compareceram ao seu enterro pedindo a uma só voz: ***"Santo Já!"***

TODA HISTÓRIA TEM UM COMEÇO...

"Sua influência era uma consequência da sua própria e transparente integridade. Aqueles que se inspiraram na sua vida sabiam que não havia nada que o Papa lhes pedisse que não o tivesse pedido a si próprio."

George Wiegel
(Biógrafo oficial do Papa João Paulo II)

João Paulo II nasceu na Polônia, pequeno país com população profundamente católica que fica no continente europeu.

Na época em que nasceu, a Polônia havia recuperado sua independência e se preparava para eleger o primeiro presidente, pois antes da Primeira Guerra Mundial, ela estava dividida entre Rússia, Áustria e Prússia. Ouve uma onda de patriotismo em todo o país que influenciou muito a história do futuro Papa.

Mas sua população, como em toda a Europa, estava empobrecida e temerosa com o que poderia ainda acontecer, pois os países europeus mergulhavam em crises e revoluções. Era a fé em Deus, na Padroeira da Polônia, Nossa Senhora Czestochowa, e a história de seus heróis, como Santo Estanislau, contadas de pais para filhos, que alimentavam a dignidade e a esperança do povo polonês.

SEUS PAIS

Tudo começou em Cracóvia, uma cidade grande e bonita, no início dos anos de 1900...

A luz do sol passava suavemente pelos vitrais da velha Igreja de Cracóvia quando Emília, uma jovem costureira, bonita e delicada, entrou ali para rezar e acender velas à antiga imagem de Nossa Senhora.

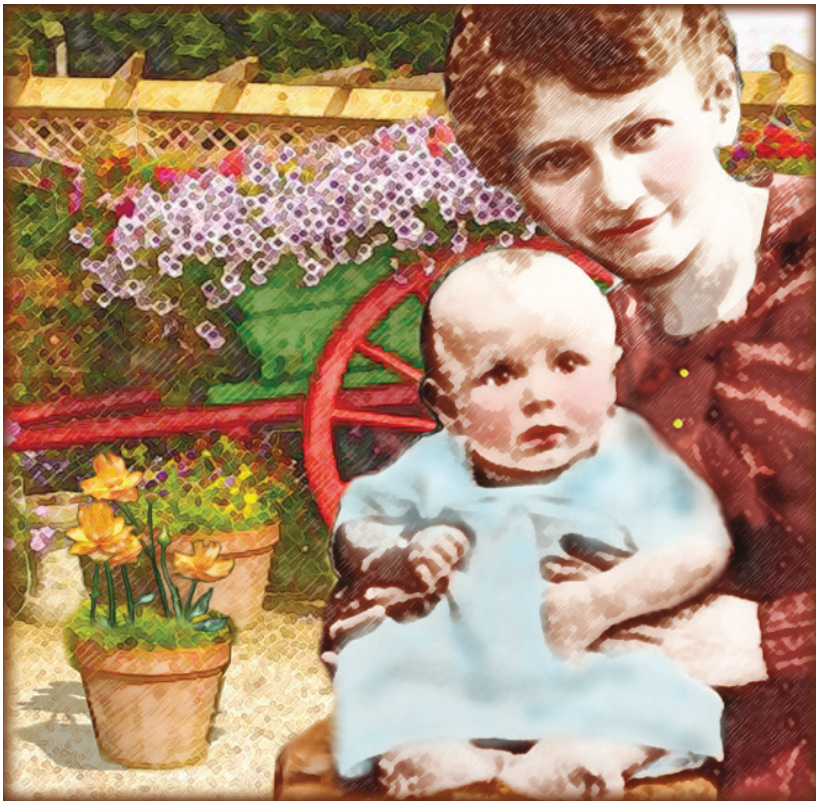
Um jovem sargento do exército, que também fora acender velas para a Virgem, observava Emília em sua oração silenciosa e profunda, seu nome era Karol Wojtyla. Nos relatórios do exército, os superiores de Karol escreveram que ele era correto de caráter, sério, disciplinado, modesto, honrado, muito responsável e de bom coração.

Foi ali, aos pés da Virgem Maria, que Emília e Karol se viram pela primeira vez, e nasceu um grande amor.

O tempo passou, Karol e Emília se casaram e se mudaram para uma cidadezinha chamada Wadowice, que fica no sopé das montanhas. Já tinham um filho, Edmund, de catorze anos, e uma menina no Céu, quando nasceu aquele que seria o primeiro Papa polonês da história. Era dia 18 de maio de 1920, numa tarde de terça-feira ensolarada.

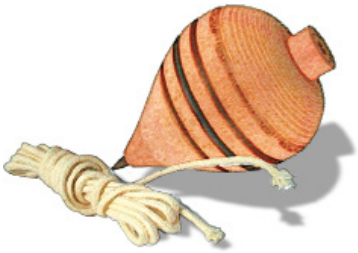
Os sinos da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tocavam alegremente a ave-maria, e ali perto, num sobradinho alugado, Emília, cansada e feliz, pediu que abrissem a janela do quarto para que o primeiro som que seu bebê ouvisse neste mundo fosse os cânticos em honra a Nossa Senhora. Assim começou uma amizade entre esse menino polonês e a Mãe de Jesus, que duraria por toda a vida. Karol e Emília batizaram o bebê com o nome de Karol Josef, "Carlos José", em português, mas todos o chamavam com o apelido de Lolek.

TEMPOS DE MENINO



Karol foi um bebê alegre, e sua mãe sempre dizia: “Meu Lolek vai ser uma pessoa importante”. O pai fora promovido a tenente, e Emília continuara em seu ofício de costureira, além de cuidar da casa, do bebê e ajudar Edmund com as lições. Ela ensinou Lolek a fazer o sinal da cruz com água benta, que ficava ao lado da porta. *“Foi ela que criou a maravilhosa vida religiosa da família Wojtyla”*, disse João Paulo II.

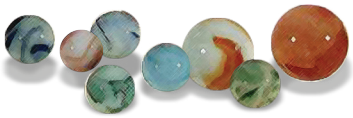
E, quando o pai chegava, juntos, rezavam um terço em família. João Paulo II, muitos anos depois, escreveu em sua Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*: *"Sempre foi convicção minha que sem oração não conseguiremos educar bem as crianças... Procurei encorajar as famílias a formar nas crianças o desejo de encontrar Deus na oração pessoal. Rezar o rosário pelos filhos e, mais ainda, com os filhos, é uma ajuda espiritual que não se deve subestimar."*



Aos seis anos, Lolek entrou para a escola e fez logo muitos amigos, porque gostava de jogar bola, brincar e correr. A primeira vez que ele chegou em casa com o seu boletim, mostrou as notas para os pais: em religião, comportamento, desenho, canto, jogos e educação física, recebera notas de "muito bom", nas outras disciplinas recebera "bom".

Todos os dias, antes da escola, Lolek ia à missa com os pais e, depois da aula, gostava de ouvir a mãe ler para ele as histórias da Bíblia.

Lembrando esse tempo, na Praça São Pedro, em 15 de agosto de 2000, João Paulo II disse: *"Recordo como aprendi desde criança, na minha família, a rezar e a confiar em Deus."*



Os vizinhos comentavam: “Emília é tão calma e religiosa!” Mas o que ninguém percebia, porque ela nunca se queixava, era que a cada dia ficava mais doente. Quando não conseguia sair da cama, o pai Karol fazia o trabalho de casa, pois Edmund já estava na universidade, em Cracóvia.

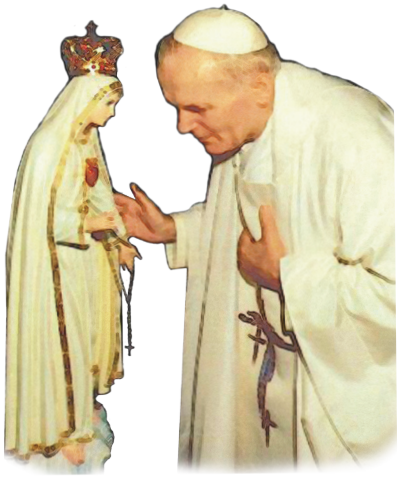
Quando Lolek tinha oito anos, sua mãe foi levada ao hospital e não voltou mais. Pode uma mãe morrer tão jovem? É que, naquela época, os médicos não sabiam o que fazer com muitas doenças que hoje são fáceis de curar. Lolek estava sozinho em casa quando a professora veio lhe dizer: “Sua mãe morreu”.

Após o enterro da esposa, o pai Karol certamente pensou em não deixar seus filhos sem uma mãe e levou Edmund e Lolek em peregrinação até o sopé de uma montanha, entre as cidades de Wadowice e Cracóvia, onde fica o Santuário Mariano que a família costumava visitar todos os anos na festa de Nossa Senhora da Assunção. Aos pés da imagem de Maria, Karol ajoelhou-se com seu pai e seu irmão. E, juntos, rezaram.

Como Papa, João Paulo II falou às crianças na beatificação de Francisco e Jacinta Marto, em Fátima: ***"Nossa Senhora precisa muito de todos vocês para consolar Jesus, triste com as asneiras que as pessoas fazem, e precisa de suas orações e sacrifícios pelos pecadores.***

Peçam aos seus pais e educadores que os ponham na escola de Nossa Senhora."

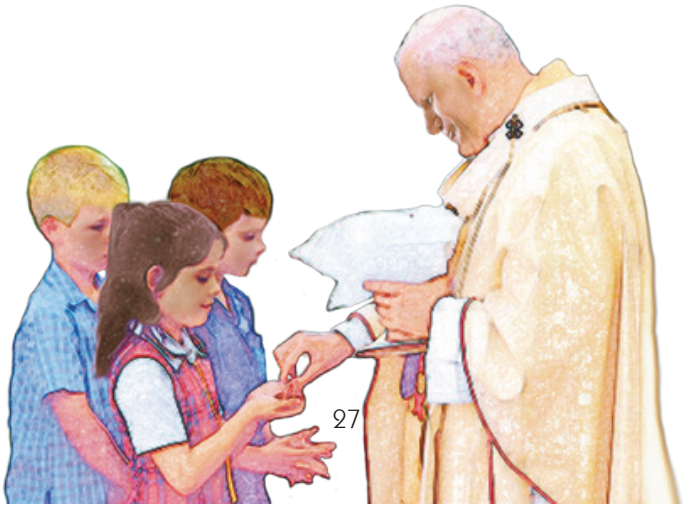
Lolek, que antes fora alegre e brincalhão, que organizava as brincadeiras, agora andava quieto e pensativo. Seus colegas na escola perguntavam: "Sua mãe morreu?" E ele respondia: "Ela foi chamada por Deus". Então Lolek começou a gostar de ler e rezar.



Com nove anos, fez a sua Primeira Comunhão. Já Papa, ele escreveu uma carta às crianças no ano da família, em 1994:

"Inesquecível encontro com Jesus é a Primeira Comunhão: um dos mais belos da vida... É uma grande festa na paróquia.

Recordo como se fosse hoje, quando, junto com os da minha idade, recebi pela primeira vez a Eucaristia na Igreja paroquial da minha terra. Costuma-se registrar este acontecimento em fotografias, no álbum da família... Com o passar do tempo, indo folheá-las, revive-se a atmosfera daqueles momentos, torna-se à pureza e à alegria experimentadas no encontro com Jesus."



O pai de Lolek, com 47 anos, aposentou-se do exército com um pequeno salário e dedicou o tempo todo para cuidar do filho menor. Era ele quem limpava a casa, lavava, consertava as roupas e ajudava Lolek com seus trabalhos de escola.

Edmund estava na Universidade de Cracóvia estudando para ser médico. Mesmo estando só os dois em casa, pai e filho mantinham o lar alegre e arrumado, como se uma mãe estivesse por ali para colocar ordem.

Acordavam cedo, rezavam o terço juntos, preparavam as refeições, brincavam, iam à missa. Ainda eram uma família!

Edmund, apelidado de "Mundek" pelos amigos, era o herói de seu irmão menor. Quando vinha em férias, em tudo que fazia, Lolek o imitava. Edmund era um jovem forte, bonito, alegre e gostava muito de praticar esportes, como subir montanhas e descer de canoa na correnteza do rio.

Edmund era bom e paciente com o irmão Lolek e o levava sempre em suas aventuras. Foi ele quem ensinou Lolek a jogar bola, patinar e esquiar nas montanhas.

Naquela época, em Wadowice, os meninos costumavam brincar no rio que serpenteava por meio às montanhas: no inverno, lá estavam eles patinando em sua superfície congelada; no verão, lá estavam nadando. Foi um tempo feliz.

Wadowice tinha uma população de apenas 7 mil pessoas; era uma cidade pequena onde todos se conheciam. Lolek tinha paixão por futebol e gostava de jogar bola no time judeu da cidade. Seu melhor amigo era um menino do time, Jerzy, que é o mesmo que "Jorge", em português. Seu apelido era "Jurek", o mesmo que "Jorginho". Jerzy apelidou Lolek de "Martyna", nome de um famoso goleiro polonês daquela época.

Por causa da guerra, Lolek e Jerzy Kluger perderam o contato durante 27 anos. Jerzy morava em Roma quando, em 1965, soube que o arcebispo Karol Wojtyla participaria do Concílio Vaticano II. Com muita emoção, os dois se reencontraram. Jerzy contou ao Papa que Tesia, sua irmã menor, morrera durante a guerra em um campo de concentração; era só uma menina.

Em 1981, João Paulo II elegeu o amigo como intermediário no diálogo entre Israel e o Vaticano. Jerzy Kluger e sua esposa eram sempre convidados para jantar com o Papa, que gostava de conversar com eles sobre os velhos tempos. Kluger era a única pessoa que chamava o Papa pelo apelido de menino: Lolek. Além dele, outros amigos da escola também jogavam: Zygmunt, Leopold e Poldek, que também jogava no gol, como Lolek.

Quando Edmund estava na cidade, ia com o irmão ensinar os meninos menores a jogar, pois, no futebol, Edmund era o melhor!

Num dia em que Edmund estava em casa, os três Wojtyla – Lolek, Edmund e o tenente Karol – resolveram passear na montanha. Enquanto os rapazes distraíam-se pelo caminho, o pai continuou a subir. De repente, um nevoeiro cobriu toda a montanha. Lolek, preocupado, começou imediatamente a chamar pelo pai. Não havia nenhuma resposta: ele tinha desaparecido! Lolek, temendo que o pai tivesse caído de um precipício, ajoelhou-se e começou a rezar em voz alta, implorando a Deus que o trouxesse em segurança. Edmund também se ajoelhou e rezou com ele.

Quando a névoa levantou, não conseguindo encontrar o Senhor Karol, os dois rapazes correram para casa em busca de ajuda, mas foram surpreendidos com o pai os esperando.

É que quando o Senhor Karol percebeu que seria perigoso escalar a montanha, sabendo que Edmund seria cuidadoso com Lolek, foi para casa esperar os rapazes com um bom chá quente.

Mesmo com muitos sacrifícios, Karol, o pai, conseguiu pagar a universidade para Edmund até o fim. Lolek tinha dez anos quando foi com o pai à formatura do irmão. Seus amigos diziam: “Mundek (como chamavam Edmund) agora é médico! Que bom, vai poder ajudar seu pai e pagar alguém para cuidar da casa e das roupas”.

Na formatura, Edmund foi escolhido por seus professores como um dos melhores alunos e foi homenageado. Todos os seus colegas o aplaudiram muito. Lolek ficou feliz e aplaudiu mais que todos.

ADOLESCÊNCIA

Com onze anos, Lolek entrou no Ginásio e mudou para a escola pública. Lá, teve bons professores, um dos melhores foi o padre Edward Zacher. Além de religião, ele desafiava os alunos a pensar e a aplicar na vida o que aprendiam na escola. Ensinava que o conhecimento baseado na verdade nunca descarta Deus e nos ensina a ser mais humildes diante do Criador.

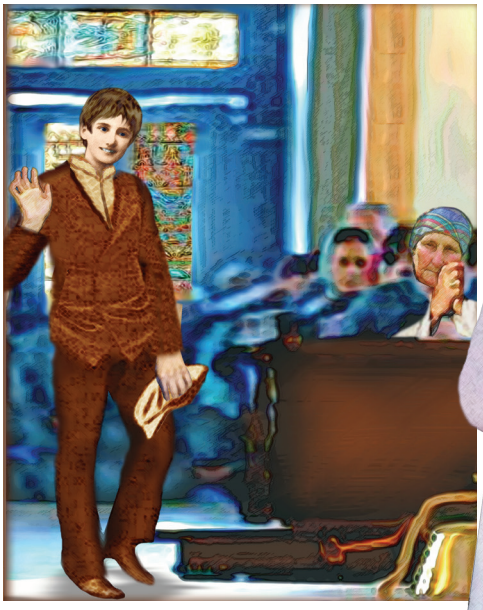
Padre Zacher lembrava-se de Lolek como um menino inteligente, às vezes com o olhar triste, muito emotivo e amante da liberdade. Foi com esse professor que Lolek começou a gostar de literatura polonesa, de poesia e teatro.

Quando Jerzy descobriu que na nova escola ele e Lolek iriam ficar na mesma classe, não conseguiu esperar para contar ao amigo. Soube que ele estava na Igreja e decidiu ir procurá-lo.

Lolek havia pedido ao padre salesiano, Kazimierz, de sua paróquia, para ser coroinha. O padre gostou tanto dele que o deixou responsável por todos os outros coroinhas.

Estava auxiliando na missa quando Jerzy o encontrou. Na pequena cidade de Wadowice, todos se conheciam e sabiam que Jerzy não era católico. Uma velhinha olhou zangada para o menino judeu, que entrou na Igreja sem muita cerimônia, pois não sabia como teria de se portar.

Com o fim da missa, Jerzy disse a Lolek: "Talvez ela tenha se surpreendido por ver um judeu na Igreja". Mas Lolek riu e respondeu ao amigo: "Por quê? Nós todos não somos filhos de Deus?!"

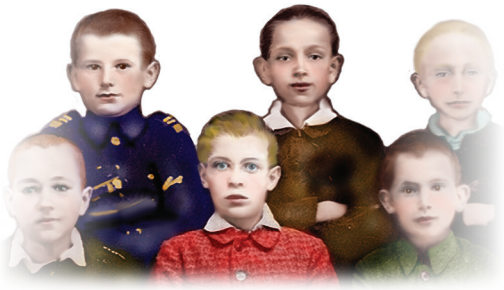


Muitos anos depois, o papa João Paulo II, em Jerusalém, deixou, no Muro das Lamentações, um bilhete para Deus, reconhecendo a dignidade das outras religiões: *"Peço perdão, em nome de todos os católicos, por todas as injustiças contra os não-católicos no decorrer da história".*

Foi no Ginásio que Lolek aprendeu o latim e o grego, com uma facilidade que encantava seus professores. Na sua classe, Lolek tinha 32 colegas: judeus, católicos, ricos e pobres, todos eram amigos. A única brincadeira da qual Lolek nunca participava era a luta. E, se alguém zombasse dele, Jerzy o defendia: "Ele não é covarde, simplesmente não gosta de brigar!"

Lolek também não "passava cola"; só uma vez deixou que copiassem um teste de matemática, mas sentiu-se mal por enganar o professor. Os professores gostavam dele por ser educado e estudioso. Seu amigo de classe, Yossef, contou: "Mesmo antes de um professor terminar uma pergunta, Lolek levantava a mão com a resposta e sempre ajudava os colegas nas dificuldades que tinham". Disse também que Lolek era calmo, divertido e tão pobre que deu a ele seu primeiro par de esquis.

No verão de 1998, o Papa reuniu seus amigos de infância e juventude de Wadowice, entre eles, Jerzy Kluger, para conversarem e rir. Yossef voltou a se encontrar com o Papa no ano 2000, quando João Paulo II visitou Israel.



Entre os amigos de Lolek, um se chamava Boguslaw Banás e era filho de uma das famílias mais ricas de Wadowice. Possuíam um hotel e até um automóvel.

Um dia, Lolek foi brincar com Boguslaw e seu irmão maior. Estavam na cafeteria do hotel, antes de ela abrir, quando Boguslaw descobriu a arma do vigia em uma gaveta.

Como era muito brincalhão, pegou a arma e apontou para Lolek, como faziam os mocinhos e bandidos dos filmes que viam no cinema: "Mãos ao alto!"

Nesse momento, a arma disparou. A bala passou raspando pela cabeça de Lolek, que ficou pálido como cera.

O pai de Boguslaw, muito bravo com a travessura, deu-lhe uma boa surra. Lolek consolou seu amigo, dizendo que, afinal de contas, o pior não havia acontecido e que o perdoava. Muitos anos mais tarde, já velhinho, Boguslaw disse: "Quase matei o Papa..."

Armas não são brinquedos! João Paulo II sempre defendeu o desarmamento e o fim das guerras, nas quais tantas crianças acabam feridas.

Edmund conseguiu um emprego no hospital de uma cidadezinha chamada Bielsko. Sempre que Lolek podia, ia até lá visitar o irmão e aproveitava para ler e recitar poesias para os doentes, que gostavam muito dessas visitas.

Quando Lolek tinha doze anos, em 1932, havia muitas doenças, que hoje, graças às vacinas e às descobertas da medicina, deixaram de existir ou de ser fatais, entre elas, a escarlatina. Naquela época, houve uma epidemia dessa doença na região em que Edmund vivia. Como era médico, ele trabalhou bastante para curar as pessoas que chegavam contagiadas no hospital. Também cuidou de uma moça, de quem gostava muito. Não tinha tempo para comer e dormir. Resultado: também ficou doente.

Lolek e o pai nem imaginavam que Edmund estava doente, quando chegou a notícia terrível de sua morte.

Elena, uma mulher que trabalhava na casa dos Wojtyla, logo que soube, correu para lá e encontrou o menino atordoado, parado em frente a casa. Abraçou-o: "Pobre Lolek! Você perdeu seu irmão!" O menino olhou para ela e disse com firmeza: "Foi a vontade de Deus!"

João Paulo II guardava com todo carinho o estetoscópio do irmão em seu escritório no Vaticano.

Com a morte de Edmund, seu pai, Karol, resolveu não entregar o coração à tristeza porque pensava: "Agora Lolek precisa muito de mim". Um dia, os vizinhos ouviram barulhos na casa dos Wojtyla e pensaram: "O que será isso?" Foram sondar e ouviram Karol gritando: "Gol!" Bateram à porta, e Lolek e o pai vieram atender com os rostos vermelhos e suados. Tinham arrastado todos os móveis e estavam jogando bola dentro de casa.

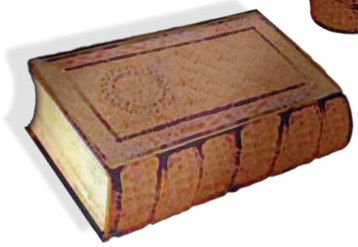
Karol e Lolek, além de jogar bola, gostavam de rezar juntos. Todas as missas em que o menino ajudava como coroinha, seu pai ia à Igreja para participar, mesmo quando o filho ajudava em mais de uma missa por dia.

O pai também costumava ir com Lolek nadar no rio durante o verão ou caminhar ao longo de sua margem, para conversar com o filho.

Às vezes, os amigos de Lolek iam procurá-lo para brincar e o encontravam com o pai na Igreja, ajoelhados diante do altar do Sagrado Coração de Jesus. Eles sempre rezavam em silêncio, com os olhos fechados, e ninguém tinha coragem de atrapalhá-los no meio da oração. Seu pai lhe deu um livrinho chamado "Reze para o Espírito Santo". Pai e filho rezavam com esse livro a Liturgia do Espírito Santo, e João Paulo II fez essa oração até a sua morte. Lolek comentou com um amigo: "Às vezes, quando acordo à noite, encontro meu pai ajoelhado do mesmo jeito que o vejo sempre na Igreja paroquial".

Outra coisa que faziam juntos era ir ao cinema. Um dia, após terem assistido a uma comédia polonesa, os vizinhos ouviram Lolek cantando, bem alto, a canção do filme. O Senhor Karol conseguiu fazer do filho um menino alegre, mesmo em meio a todo sofrimento que passara com a morte da mãe e do irmão. Jerzy, amigo de Lolek, contou que gostava de ir à casa dos Wojtyla para ouvir as histórias que o Senhor Karol contava aos meninos sobre as batalhas dos reis de seu país, a coragem de São Estanislau e outros heróis poloneses. Um desses meninos, Zbigniew, certa vez disse aos colegas: "Lolek e o pai são uma comunidade de duas pessoas!"

Um outro colega, Teofile, quando soube que o amigo de escola chegou a ser Papa, disse: “O Senhor Wojtyla consagrava todo o tempo que tinha ao filho, afirmando a personalidade de Karol no essencial. Ele lhe deu todo o amor de que era capaz. Sem essa base, Karol nunca teria chegado tão longe em sua vida”.



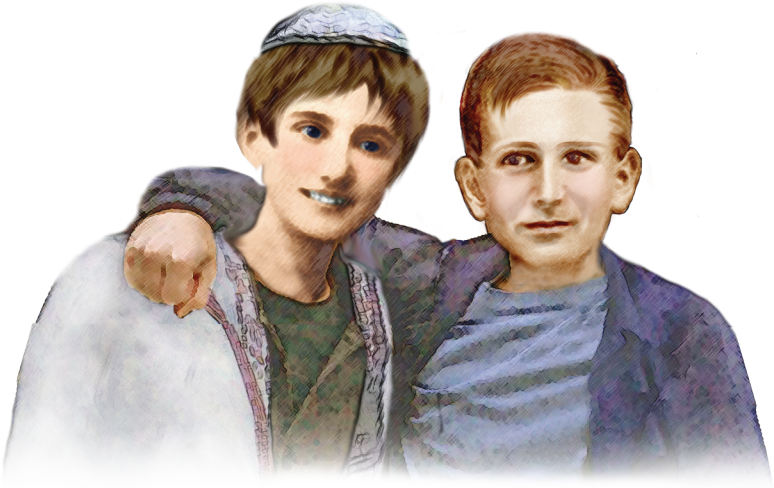
Os amigos de Karol gostavam de ir à sua casa para estudar e fazer tarefas, talvez por não haver outras crianças para fazer barulho e mexer em seus materiais escolares. Um dia, um colega chamado Antoni, que estava lá fazendo tarefas, começou a ficar curioso: “Por que cada vez que o Lolek termina a lição de uma matéria, pede licença e vai para o quarto por um instante? O que ele vai fazer lá?”

Resolveu sondar pelo buraco da fechadura e viu Lolek, ajoelhado, rezando. Com certeza, a cada tarefa realizada, ele agradecia pelo trabalho feito e pedia ao Espírito Santo para conseguir fazer bem o próximo.

Jerzy contou que ele e Lolek, certa vez, fizeram uma "arte"... Resolveram esconder a espada de um policial que estava dormindo em um banco. Lolek puxou de um lado; e Jerzy, do outro. De repente, a espada saltou, e os dois caíram no chão. O policial acordou e correu atrás deles por toda a praça. O pai de Jerzy, que era um advogado, teve de acalmar o policial.

Quando Lolek ia à casa de seu amigo para brincar de *ping-pong* ou lanchar, a avó dizia a Jerzy: "Lolek é tão bem educado, tão bom aluno... Será que você não podia ser um pouco mais parecido com ele?"

Quando Jerzy fez treze anos, teve a sua festa de *Bar Mitzvá,* quando o menino judeu passa a ser considerado um homem responsável por seus atos. Lolek foi à Sinagoga ver a cerimônia religiosa do amigo. Ele já havia estado lá com Yossef, para ouvir a bela voz do cantor do lugar.

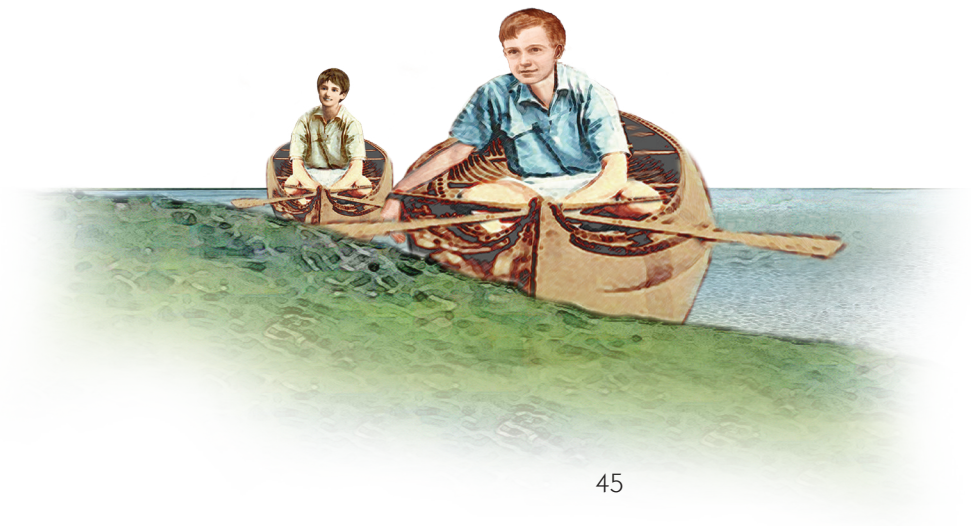


Outra amiga desse tempo de colégio foi Danuta Pukłów, tinham a mesma idade, e sua família era muito acolhedora. Danuta, seu irmão Adam e Lolek eram muitas vezes vistos brincando juntos no quintal da família Pukłów, especialmente após a morte da mãe, Emília, em 1929. Lolek gostava de visitar a família de Danuta. Adam também quis ser coroinha, e Lolek o ajudou a se preparar e estudar as orações da Santa Missa, que naquela época eram rezadas em latim. Quando, em 1935, criaram o grupo de teatro na escola, Danuta também entrou.

Danuta participou de quase todos os encontros com os amigos do Ensino Médio que o papa João Paulo II realizou no Vaticano para reunir os antigos companheiros. O Papa a abraçava, e eles sempre se lembravam carinhosamente, nesses encontros, da casa e da família Pukłów e de como a mãe de Danuta os incentivava a participarem da missa e a comungar.

A cada dia que passava, o gosto de Lolek pela leitura aumentava. Com a leitura, ele descobriu muitas coisas novas, e uma delas foi o amor por sua terra, a Polônia. Passou a ler a história dos heróis de seu país e a decorar longos trechos de poesias de escritores poloneses.

Como Edmund fazia antes com ele, Lolek também promovia, com seus amigos, longos passeios a pé pelas montanhas, principalmente no outono, quando o pôr do sol era lindo. Em volta de uma fogueira, Lolek declamava poesias e contava as histórias que decorava e também piadas. Aos treze anos, fez sua primeira publicação: uma crônica de uma página inteira no jornal da Diocese de Cracóvia.



Era no Natal e na Páscoa que os dois Karol, pai e filho, mais sentiam a falta da mãe e de Edmund. Nas festas e feriados, costumavam ir à casa da tia Maria, madrinha de Lolek, ou ela vinha passar as festas com eles. No Natal, trocavam o *oplatki* (biscoitos decorados); e na Páscoa, lindos ovos pintados com arte e abençoados na Igreja, como qualquer família polonesa.

Muitos anos depois, em 13 de dezembro de 1994, recordou esses natais: *"Também eu vivia, então, a atmosfera feliz do Natal e, quando brilhava a estrela de Belém, corria ao presépio, junto com os da minha idade. Nós, crianças, manifestávamos a nossa alegria, sobretudo com o canto. Como são belos e comoventes os cânticos natalícios que, segundo a tradição de cada povo, cantamos à volta do presépio!"*

Quando chegava a noite, o pai ensinava Lolek a falar russo ou alemão, com ajuda de dicionários. Também promovia debates sobre história polonesa. Quando Lolek foi para o Ensino Médio, o pai Karol retomava toda a matéria para que ele a compreendesse.

Lolek e o pai moravam num apartamento de um sobradinho alugado, que pertencia a um senhor judeu chamado Chaim Balamuth. No andar de baixo, ficava a loja de vidros e cristais do Senhor Balamuth, e morava a família de Ginka, uma linda menina judia, de cabelos e olhos pretos, que gostava muito de fazer teatro. Como Lolek estava começando a gostar de poesias e teatro, logo ficou amigo de Ginka, mesmo ela sendo dois anos mais velha.

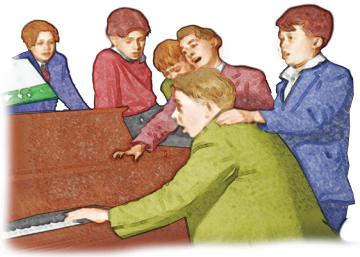
Lolek tinha catorze anos quando entrou para o grupo de teatro de Ginka. Gostou tanto que aproveitava todo o tempo livre para praticar. Seus professores o incentivaram, e ele passou a representar os principais papéis no colégio. Uma vez, quando Lolek tinha quinze anos, na estreia de uma peça, um dos atores faltou. Todos ficaram apavorados: "E agora?" Mas Lolek disse: "Deixem que eu faço os dois papéis, decorei as falas durante os ensaios". Lolek acabou sendo também o diretor e cenógrafo do grupo.

Lolek e seus amigos ensaiavam as peças de teatro nas casas uns dos outros. Logo fez amizade com todos os membros do grupo, entre eles, Halina, filha do diretor do colégio onde estudava. Era uma menina loira, de treze anos, que gostava de dançar e, no teatro, sempre ficava com os principais papéis femininos. Lolek e ela competiam entre si quem decorava mais falas difíceis. Halina dizia à sua amiga Danuta: "Lolek ainda será um ator, um excelente ator!" Alguns filmes insinuaram que Halina e João Paulo II tiveram um namoro na adolescência. Mas ela, já idosa, disse que, na verdade, foram apenas amigos, pois achava Lolek um "meninão", que via voltar do futebol pela janela de sua casa. Nessa foto estão Halina, Lolek e Danuta numa apresentação natalina.

Quando cresceu, Halina se casou com um jornalista, e sua filha Mônika foi a primeira criança que Lolek batizou, dez dias após ser ordenado Padre. Continuaram amigos, trocando postais, mesmo ele já sendo Papa. Halina tornou-se professora da Academia de Arte Dramática de Cracóvia.

Era Ginka a melhor amiga de Lolek, que lhe ajudava a estudar as peças e ia com os meninos esquiar: ela era como uma irmã maior. Foram anos felizes para Lolek, e os vizinhos sempre o ouviam cantando quando descia as escadas de sua casa a caminho dos ensaios.

Lolek também gostava muito de dançar. Duas vezes por mês, no Ginásio, os alunos tinham aula de dança típica da Polônia, ao som do piano e da sanfona. Como moças e rapazes se reuniam, as mães costumavam ir também, para tomar conta. Era muito divertido.



Um dos meninos, Poldek, era excelente pianista, e às vezes os outros rapazes ficavam ao redor dele para compor canções populares.

Lolek só não gostava das festas onde os garotos se reuniam para beber e ficar, sem compromisso, com as meninas. Um dia disse à Halina: *"Isso é uma perda de tempo!"* E convenceu os amigos a não participarem dessas reuniões. Lolek aprendeu com o pai a tratar as garotas com pureza e respeito. Um dia, quando já era Papa, não gostou das insinuações de um jornalista de que, na sua juventude, ele tivesse ficado com as garotas. E disse: ***"Um jovem pode viver sem cometer um pecado mortal".*** E contou que nunca cometera um pecado grave em sua juventude.

Meditando as palavras de São Paulo: ***"Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que habita em vós... e que não pertenceis a vós mesmos?"***, João Paulo II falou aos jovens em uma audiência: ***"A pureza, como virtude, é a capacidade de manter o próprio corpo com santidade e respeito... A pureza é glória do corpo humano diante de Deus. É a glória de Deus no corpo humano, através do qual se manifestam a masculinidade e a feminilidade" (18 de março de 1981).***

Sempre que o arcebispo de Cracóvia, Dom Adam Sapieha, vinha a Wadowice, para ministrar o sacramento do Crisma, era um acontecimento: banda de música, o prefeito e outras autoridades esperando com honras e discursos. Numa dessas vezes, dia 6 de maio de 1938, Lolek foi escolhido entre os estudantes para dar-lhe as boas-vindas.

Ele saldou o arcebispo com um discurso em latim, e Dom Sapieha ficou tão impressionado que perguntou ao professor de religião: "O que fará esse rapaz depois de se formar? Irá para o seminário?" Mas Lolek, que estava ao lado, respondeu: "Não, vou estudar literatura polonesa e filologia". Por influência do pai, Lolek se interessava por filologia, que é o estudo da língua, literatura e todos os fenômenos culturais de um povo por meio dos seus escritos. E o bispo lamentou: "Que pena! Esse rapaz irá muito longe".

Mesmo na adolescência, Lolek nunca deixou de ir à missa todos os dias. E, após a missa, ficava ajoelhado aos pés do Sacrário. Depois da aula, voltava à Igreja e rezava mais um pouco. Também rezava após as refeições e enquanto fazia seus deveres de casa.

Seus amigos já estavam acostumados com ele: às vezes, quando saía da Igreja, percebiam no seu rosto algo de belo, como se tivesse visto uma coisa maravilhosa. Outras vezes, ficava pálido como cera... Ninguém estranhava isso e aceitavam que ele fosse um tanto diferente e misterioso.

O reitor do colégio carmelita, padre Josef Prus, via aquele jovem na Igreja rezando e começou a conversar com ele. Lolek passou se interessar pela vida daqueles monges carmelitas descalços, sempre em silêncio e oração.

No Ginásio, os amigos de Lolek, que sabiam como ele era religioso, o defendiam. Ninguém ousava contar piadas sujas, palavrões ou blasfemar quando Lolek estava por perto. Só uma vez, um aluno gritou um palavrão pelas costas para provocá-lo, mas os amigos, sem que ele soubesse, levaram o garoto para o banheiro, e o pobre levou uma boa surra. Mesmo em acampamentos de verão, ninguém tinha coragem de cantar uma canção grosseira perto de Lolek, apesar de ele nunca ter exigido isso de seus amigos: era o seu jeito educado e a grande amizade entre eles que provocavam esse respeito.

Com quinze anos, tornou-se o presidente de um movimento da Igreja para jovens: a Congregação Mariana. Também coordenava a "Sociedade da Abstinência", um grupo que defendia nada de bebidas alcoólicas e nada de cigarros para os jovens.

Muitos anos depois, João Paulo II disse em uma conferência da ONU: ***"Uma das causas mais importantes que empurra os jovens e os adultos para a experiência com as drogas é a falta de motivações claras e convincentes para viver. É o vazio de valores e uma convicção de que não vale a pena viver..."***

Ele sabia bem do que estava falando, pois viu muitos jovens, durante a terrível Segunda Guerra Mundial, perderem a vontade de viver. Ele mesmo só não a perdeu porque já havia encontrado uma razão bem maior do que tudo que sofrera naquela guerra: o Amor de Jesus. Disse aos jovens: "***Jesus é quem buscais quando sonhais a felicidade. É Ele quem vos espera, quando nada do que encontrais vos satisfaz..."***

Todos do grupo de teatro de Lolek gostavam muito das peças que contavam a história da Polônia e de recitar poesias de um poeta chamado Mickiewicz, que dizia: “Todos os cidadãos são iguais, inclusive os israelitas”. Em suas apresentações, o grupo de Lolek começou a trabalhar contra o preconceito que havia se espalhado por toda a Europa, e este fazia com que seus amigos judeus sofressem.

Dá para acreditar que, naquela época, muita gente não gostava dos judeus simplesmente por serem dessa religião? Isso estava ficando cada vez pior por causa dos nazistas, um partido político alemão chefiado por Adolf Hitler, que queria dominar o mundo e espalhava mentiras e ódio contra os judeus por toda a Europa.

Em Wadowice, onde todos eram amigos a muitas gerações, o preconceito era menor e demoraram para perceber o grande perigo que se aproximava. O pai de Yossef, colega de classe de Lolek, que era relojoeiro e um judeu fervoroso e que, muitas vezes, consertava o relógio da Igreja dos católicos, dizia: “Todas as religiões têm a mesma dignidade...”

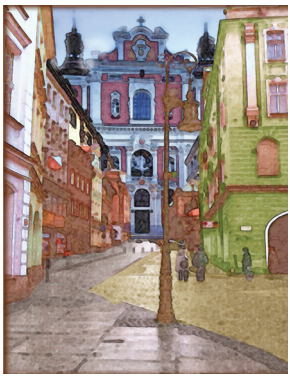
Um dia, Ginka veio contar que seus pais iriam embora para a Palestina e explicou: “Alguns rapazes estão quebrando as lojas dos judeus. Meus pais tentaram convencer outras famílias a fugirem da Europa, mas não parecem acreditar que corremos perigo”. O Senhor Karol disse a Ginka: “Nem todos os poloneses são antissemitas, você sabe que eu não sou”. Mas Ginka respondeu: “Poucos poloneses são como o senhor”. Lolek ficou muito triste e não conseguiu falar uma só palavra com Ginka naquele dia. Antissemitas são aqueles que não gostam de judeus.

Muitos anos depois, Ginka, já velhinha, foi visitar o papa João Paulo II no Vaticano. Contou a ele que seus pais não conseguiram fugir dos nazistas e foram mortos nos campos de concentração. O Papa, emocionado, pegou suas mãos e rezou com os olhos cheios de compaixão.

Quando Papa, João Paulo II fez o que pôde para que os judeus e todos os povos fossem respeitados. O jornal de Israel, *Jerusalém Post,* chamou-o de *Tikkun Olam*, que quer dizer “aquele que melhora o mundo”, em português.

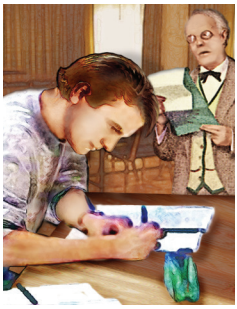
A JUVENTUDE

Quando Lolek acabou o Ginásio, foi homenageado por ser o primeiro da turma. Mudou-se com o pai para Cracóvia, onde poderia frequentar a universidade em que Edmund havia estudado.



Os dois foram morar num pequeno apartamento, localizado no porão de um prédio que pertencia aos parentes de seu pai. Para sua alegria, seu antigo professor de religião em Wadowice, que havia ouvido sua primeira confissão e o preparado para ser coroinha, o padre salesiano Kazimierz, também havia se mudado para Cracóvia. Um dia o papa João Paulo II disse, recordando esse tempo: *"Lembro o ambiente da paróquia dedicada a São Estanislau Kostka, que eu frequentava no bairro de Debniki, na cidade de Cracóvia. Era cuidada pelos padres salesianos, que me deram a formação fundamental da vida cristã."*

Em junho, passou com notas elevadas no vestibular para filologia polaca, na Universidade de Cracóvia, a mais antiga da Polônia. Lá os colegas passaram a chamá-lo pelo nome: Karol. Em julho, foi chamado para um curto tempo de treinamento militar, porém não chegou a ficar no exército, porque era estudante. Na faculdade, logo se destacou por ser um aluno dedicado e fez amizade com um colega de classe: Julius Kydrynski. Com Julius, ia à casa de um pianista famoso ouvir música e declamar poesias. Karol entra para a sociedade científica de filologia e tenta se tornar escritor. Com dezenove anos, escreveu seu primeiro livro de poesia: "Salmos Renascentistas", mas a guerra que viria não permitiu que o livro fosse publicado.

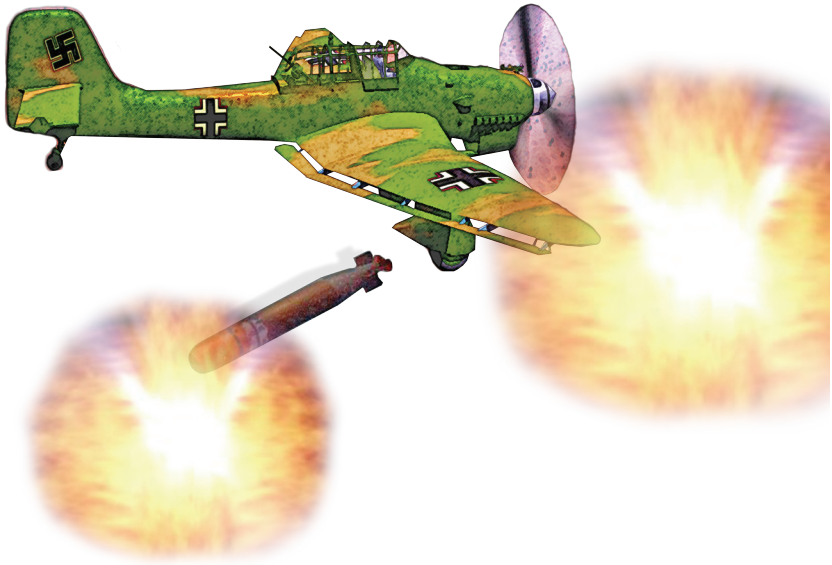


A paz durou pouco: o nazismo chegou à universidade, e pelos corredores se ouviam manifestações contra os alemães e também contra os judeus. Karol não participava das manifestações, precisava se concentrar em seus estudos, pois o pai era pobre, e ele não podia se dar ao luxo de perder aulas e repetir matérias. Uma colega de classe comentou: "Quando participava da aula, Karol tinha o costume de olhar fixamente o professor, com enorme concentração, como se desejasse absorver tudo". Enquanto isso, Hitler, que já dominava a Alemanha, queria mandar no mundo inteiro: com seu exército, invadiu um país vizinho, a Checoslováquia. Na Polônia, todos sentiam que a guerra estava chegando.

Fazendo fronteira com a Alemanha e com o Mar Báltico, a Polônia estava na lista de prioridades de Hitler. Ele propôs construir uma autoestrada e uma linha de ferro ligando o território da Alemanha com a Prússia Oriental, atravessando o território polaco. Serviria como uma espécie de corredor para seu exército passar e invadir outros países. O governo polonês não cedeu à pressão e recusou a proposta. Assim, a Polônia foi o primeiro país do mundo a dizer não ao plano nazista de invasão criminosa dos países da Europa.

Não demorou muito e os nazistas, disfarçados de soldados poloneses, forjaram um ataque e morte de civis alemães, criando um álibi para invadir a Polônia, que abandonada pelos países aliados teria de lutar solitária contra os nazistas e comunistas ao mesmo tempo, as maiores potências militares da época.

Como em todas as primeiras sextas-feiras do mês, no dia 1 de setembro de 1939, Karol estava na catedral com seu amigo, padre Kazimierz, para se confessar e depois participar da missa. A catedral estava vazia. Foi então que se ouviu barulho de aviões passando e sirenes tocando, bombas caindo, pessoas gritando: era a guerra. Karol levantou assustado, mas o Padre lhe disse: "Temos de celebrar a missa, apesar de tudo. Peça a Deus que poupe a Polônia". E continuou. Karol obedeceu, e essa foi a última vez que pôde entrar livremente na catedral; depois, ela foi fechada.



O exército de Hitler invadiu a Polônia com seus tanques e bombas aéreas, vencendo o exército polonês. As ordens a respeito do país eram simples e radicais: "Os poloneses devem ser conservados como raça inferior, em trabalhos escravos".

Assim que acabou a missa, Karol correu para ver se o pai estava bem e ajudou seu amigo Julius a puxar um carrinho com a mudança da família para um lugar mais seguro. A pé, com centenas de pessoas, Karol e o velho Senhor Wojtyla, cansado e doente, fugiram da cidade carregando apenas uma pequena bolsa. Não podiam pegar um trem, pois seria muito perigoso. Os aviões alemães iam metralhando tudo e soltando bombas sobre a população apavorada. O Senhor Wojtyla desistiu de fugir quando soube que os russos estavam invadindo a Polônia por outro lado, e Karol e o pai resolveram voltar para Cracóvia.

Os nazistas tomaram a Polônia. Para Cracóvia, levantaram sua bandeira no lugar da bandeira nacional. Toda a população começou a passar fome e a fazer filas enormes para poder comprar um pouco de pão, açúcar ou carvão para queimar nas lareiras e esquentar as casas no inverno.

Por algum tempo, Karol ainda continuou a estudar, mas logo os professores foram presos. Todas as escolas e Igrejas foram fechadas; as missas, proibidas.

Os que mais sofreram com a Segunda Guerra Mundial foram os judeus: tinham de deixar suas casas e eram obrigados a viver trancados em bairros cercados por arame, sem comida e remédios, trabalhando como escravos.

Muitos jovens se revoltaram e entraram em grupos secretos para resistir à ocupação nazista. A maioria dos que resistiram com armas acabou morta, mas houve uma outra resistência: a religiosa e cultural. O alfaiate Jan Tyranowski, que era catequista na Igreja de São Estanislau Kostka, acreditava nessa forma de resistência.

Os padres salesianos que, corajosamente, não desistiram da pastoral juvenil encarregaram Jan de organizar um grupo secreto de rapazes na paróquia salesiana de Debniki. As suas armas seriam o rosário da Virgem Maria e os livros. O grupo chamava "Rosário Vivo". Eles queriam ajudar bons jovens a conservarem suas cabeças e corações sadios em meio à loucura da guerra, a fim de que, depois que tudo passasse, pudessem reconstruir a nação. Jan observava os rapazes que iam à missa todos os dias e os convidava para o grupo. Foi assim que convidou Karol para participar.

Jan dividia os rapazes em grupos de quinze, como os mistérios do rosário. Todos juravam amar a Deus e ao próximo. Rezavam o terço, liam e estudavam juntos. Jan tinha uma regra: "Cada momento tem de ser utilizado". Também incentivava os jovens a não entrarem em conflitos armados, dizendo: "Vocês precisam permanecer vivos para reconstruir a Polônia".

Nesse tempo, Jan deu para Karol o livro *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, de São Luís Maria de Montfort. E ele passou a gostar mais ainda de Nossa Senhora e a rezar como São Luís: *Totus Tuus,* em latim, que quer dizer "todo teu". Karol, como todos os poloneses, sempre foi devoto de Nossa Senhora Negra de Czestochowa, Rainha e Padroeira da Polônia.

Motivado por Jan, que estava estudando os escritos de São João da Cruz e Santa Teresa D'Ávila, Karol também se interessou em aprender espanhol, para ler esses livros na língua materna de seus autores.

Nesse tempo, qualquer pessoa sem um trabalho autenticado pelas autoridades nazistas corria o risco de ser presa e enviada para a Alemanha. Em agosto de 1940, um restaurante do centro o contratou para fazer consertos.

Um mês depois, Karol e Julius conseguiram emprego numa pedreira que pertencia à Usina Química Solvay como britadores. Muitos de seus colegas universitários sobreviveram à guerra trabalhando, como Karol, nessa mesma pedreira.

O diretor alemão da pedreira, Herr Pohl, pagava à polícia secreta nazista para deixarem os trabalhadores em paz, pois queria salvar os jovens estudantes. Era um bom homem.

A pedreira era feita de imensas paredes de rochas, que os homens arrebentavam com dinamites, para depois carregarem os pedaços para as carrocerias do trem.

No primeiro ano da guerra, o inverno foi muito rigoroso, com grandes nevascas. A maioria dos trabalhadores, cobertos de remendos e calçando tamancos de madeira, não tinha agasalhos suficientes. Eles passavam o dia quebrando os blocos de rocha com uma picareta, durante oito horas, em um frio de zero grau, sujos de pó de pedra e óleo. Karol levava meia hora andando até o trabalho, e numa dessas caminhadas fez este texto de linguagem poética:

"Escuta bem...
(Beeem!)
Escuta os golpes da marreta,
(Beeem! Beeem! Beeem!)
a sacudida, o ritmo.
(Beeem! Beeem!)
O ruído
(Beeem! Beeem! Beeem!)
te permite sentir dentro a força,
a intensidade do golpe.

Escuta bem...
escuta...
A elétrica corrente do rio penetrante
que corta as pedras.

E entenderás comigo
que toda a grandeza
do trabalho bem feito
é grandeza do homem..."

Os outros companheiros de trabalho diziam que ele só se queixava quando a dor nas mãos era insuportável. Como todos os outros rapazes, ficou magro e encurvado por carregar uma canga com dois grandes baldes de madeira com pedras ou cal, cada um pesando 30 kg. Tudo o que tinham para comer era purê de batatas. Os alemães permitiam que passassem quinze minutos dentro de uma barraca, onde esquentavam o pobre almoço numa chapa de ferro.

O pagamento não era em dinheiro, mas em vales, que Karol trocava por comida para seu pai, que estava bastante doente.

O Senhor Wojtyla não conseguia mais se levantar da cama. Um dia, Karol e a irmã de Julius chegaram com o almoço e, enquanto Maria foi esquentá-lo no fogão, Karol foi ver o pai no quarto. Ele estava morto. Chorando, Karol abraçou a menina e disse: "Não estava presente quando meu irmão morreu e não estava presente quando meu pai morreu!"

Um amigo do grupo de teatro, Tadeusz, contou que Karol passou quatro dias ajoelhado diante do túmulo de seu pai, totalmente sozinho, recolhido em oração. Foi a amizade do catequista Jan Tyranowski que ajudou Karol a superar a tristeza. Jan ajudava os jovens a enxergar sentido e esperança para a vida após a guerra, conversando muito com cada um deles e os apoiando nos momentos de sofrimento. Jan morreu em 1946, apenas um ano após o fim da guerra. Em 2001, testemunhando no seu processo de beatificação, o papa João Paulo II chamou Jan de "um santo oculto dos nossos tempos".

Na pedreira, os colegas passaram a querer bem e respeitar Karol. Um dia, o viram chegar tremendo de frio, sem seu paletó, pois o havia dado a um pobre que encontrara na estrada. Num outro dia, Karol impediu os companheiros de surrarem um polonês que se naturalizara alemão.

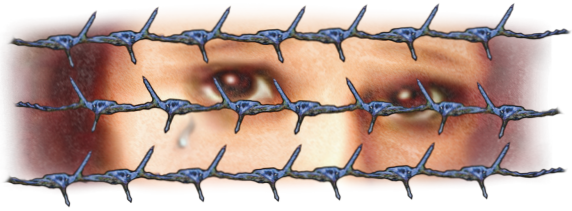
E mesmo na frente dos outros trabalhadores, Karol nunca deixou de rezar e fazer o sinal da cruz antes ou depois das refeições. Um velho operário, Franciszek Labus, dizia a Karol: "Você canta bem porque tem uma voz bonita, deveria ser sacerdote". É que, naquele tempo, a missa era cantada em latim.

Um dia, vendo Karol passar, o supervisor da fábrica disse à cozinheira: "Este rapaz reza a Deus, é um moço culto, tem muito talento e escreve poesias. Não tem mãe nem pai, é muito pobre. Dê a ele um pedaço de pão maior, porque o que lhe damos aqui é a única coisa que come".

Após a morte do pai, por uns meses, Karol ficou na casa de Julius. Muitas vezes, a Senhora Kydrynski encontrava Karol rezando, de braços abertos, estendido no chão. Os jovens amigos de Karol estavam se desesperando com a fome e a guerra, muitos começavam a arrumar armas para resistir à ocupação alemã.

Um dia, um amigo veio lhe contar que roubaria carvão dos nazistas. Karol perguntou: "Como vai conseguir isso?" O amigo disse: "Tenho um revólver". Karol respondeu: "A oração é a única arma que funciona". Karol conseguiu convencer a maioria de seus amigos do Rosário Vivo a não entrar para a resistência armada.

Karol não sabia o que tinha acontecido a seus amigos judeus de Wadowice. Muitos estavam presos nos campos de concentração, grandes prisões cercadas por arames onde famílias inteiras de judeus eram presas e mortas. Os nazistas mataram 600 mil judeus na Polônia. No total, 6 milhões de judeus e 10 milhões de cristãos morreram na Segunda Guerra Mundial em todo mundo.



Em Cracóvia, Julius foi preso e mandado para Auschwitz, um dos campos de concentração mais terríveis que os nazistas construíram na Polônia. Karol incentivou todos a rezarem pelo amigo e dizia: “A oração é capaz de modificar os acontecimentos”. Dois meses depois, milagrosamente, Julius foi solto.

Com os outros jovens do Rosário Vivo, Karol organizava coletas para as famílias daqueles que estavam presos, para subornarem os guardas a soltá-los. Um desses jovens foi morto pelos nazistas porque ajudava a conseguir documentos falsos para os judeus fugirem.

Havia, em Wadowice, um professor de literatura polonesa chamado Mieczyslaw Kotlarczyk. Ele começara o teatro amador na cidade e fora o fundador do Teatro Rapisódico – nesse tipo de teatro a palavra é mais importante que o cenário e o figurino. A atuação consistia na recitação de textos poéticos. Com a guerra, Mieczyslaw e sua esposa Sofía mudaram-se para Cracóvia e, por um tempo, moraram no apartamento de Karol, que ficava em um porão, e por isso o chamavam de “as catacumbas”.

Durante o dia, Mieczyslaw trabalhava numa oficina e, à noite, dirigia o grupo de teatro clandestino “Estúdio 39”. Eram cinco atores, entre eles, Karol, Halina e Danuta, que também vieram de Wadowice estudar em Cracóvia. Todos tinham entre dezoito e vinte anos. Antes da representação, iam entrando no apartamento, um após outro, para não chamar a atenção, pois as reuniões estavam proibidas. O público era os amigos, e um tapete era o palco onde recitavam poesias à luz de velas.

Muitos anos depois, Danuta falou sobre Cracóvia nos anos de ocupação nazista. Ele contou que no Teatro Municipal, como em todos os outros, só eram permitidos espetáculos com elenco alemão.

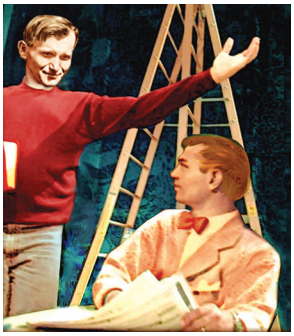
Também a Orquestra Filarmônica da Polônia só podia dar concertos de compositores alemães. A vida artística polonesa caiu na clandestinidade. Alguns se dedicaram em proteger, escondendo, as obras de arte da poesia em língua polaca. Foram formados pequenos grupos clandestinos musicais, literários e teatrais, como os de Danuta, Halina e Karol Wojtyla.

Um dia Karol entrou no escritório onde Danuta trabalhava, provavelmente vindo da pedreira, e disse que Julius Ostrowa, ator famoso na Polônia antes da guerra, viria assistir a apresentação de seu grupo. Karol pediu que Danuta estudasse "*O Espírito do Rei".* Ela foi a um conhecido antiquário e, felizmente, conseguiu encontrar a edição completa dessa peça épica eslovaca.

A estreia aconteceu no dia de Todos os Santos. Karol Wojtyla desempenhou o monólogo de *Boleslau, o Admirável.* Danuta nunca esqueceu o grande desempenho deste monólogo, escutando-o com admiração e um arrepio de horror. Nesta noite Karol atingiu o seu mais alto nível de expressão artística. Foi uma performance cheia de tensão, dinâmica e significado.

De repente, ouviram cachorros latindo, sirenes e gritos de soldados alemães na rua. Todos ficaram apavorados, pois, se fossem pegos, seriam enviados para campos de concentração.

Mas Karol não parou de falar, pelo contrário, começou um duelo de palavras com estes sons horríveis. O ator Ostrowa ficou impressionado com a coragem daqueles jovens atores que diziam: “Aqui combatemos nossos inimigos com palavras”.



Então algo extraordinário aconteceu. Depois de duas semanas de apresentações, Karol passou a representar o mesmo texto num tom monótono, de uma forma completamente desprovida dos tons comoventes de paixão, orgulho, rebeldia e desespero que seus colegas percebiam antes, e eles ficaram surpresos e desapontados. Um deles, Zasypaliśmy, perguntou a Karol: “O que aconteceu? Por quê?” E ele respondeu: “Eu pensei sobre o assunto, é uma confissão que Boleslau queria fazer”.

Uma confissão? Tudo estava igual ao da estreia: o castiçal aceso que compunha a cena com uma vela; uma das atrizes ao piano tocando “Noturnos” de Chopin; os atores vestidos com trajes formais – blusa branca, escuro, saias e ternos pretos. Mas Karol estava diferente... Danuta meditou sobre a resposta de Karol: “Atrevo-me a supor que, durante essas duas semanas, que separaram a primeira e a segunda interpretação da rapsódia de *Boleslau, o Admirável*, veio à tona a importante vocação mais profunda de Karol: não a de um artista, mas a de um Padre. Ela foi expressada pela mudança no seu ponto de vista sobre o personagem que interpretava”.

O DESPERTAR DE UMA VOCAÇÃO

Certo dia, os oficiais da Gestapo, a polícia secreta alemã do governo nazista, na época da Segunda Guerra Mundial, foram até a paróquia salesiana frequentada por Karol e levaram presos treze sacerdotes, que morreriam nos campos de concentração. O catequista amigo de Karol, Jan Tyranowski, se encontrava na Igreja naquele dia, mas os agentes não entraram no lugar onde ele estava.

Os alemães estavam prendendo e matando os padres e religiosos de outras Igrejas cristãs que não concordavam com o nazismo: 1.932 padres poloneses foram mortos, entre eles, o franciscano Maximiliano Maria Kolbe, que deu a vida por um pai de família judeu condenado à morte, oferecendo-se para morrer em seu lugar. Frei Maximiliano foi canonizado e declarado "mártir da caridade" pelo papa João Paulo II, em 10 de outubro de 1982.

Nos países dominados, os alemães proibiram qualquer transmissão de rádio que não fosse propaganda nazista, para manter alta a estima dos soldados alemães. Dificilmente alguém conseguia sintonizar alguma rádio distante, com notícias reais sobre a guerra. Todos oravam por seu fim.

Mesmo com as constantes rondas dos soldados nazistas pela cidade, que estavam prendendo todos que fossem suspeitos e matando os que fossem flagrados ajudando famílias judias, o arcebispo de Cracóvia, Dom Sapieha, resolveu montar um seminário secreto, onde os seminaristas estudavam à noite, escondidos. Assim, após a guerra, a Polônia não ficaria sem Padres.

Dom Sapieha era um homem corajoso, pois vinha sendo espionado e ameaçado de morte. Ele ajudava a distribuir documentos falsos e certidões de batismo para os judeus conseguirem passar pela fronteira e fugirem da Polônia. Além de encontrar, entre os lares católicos, esconderijos para as famílias judias.

O horror da guerra, o fechamento da universidade e a morte do pai fizeram Karol pensar: *"Tantos amigos meus de Wadowice, muito queridos, perderam a vida nesta guerra, por que eu não?"* Foi então que uma luz começou a se acender em seus pensamentos: *"O Senhor quer que eu seja sacerdote!"* Teve tanta certeza dessa nova vocação que voltou a sentir alegria, e seu coração se encheu de paz. Quando idoso, papa João Paulo II escreveu: "Cada vocação ao sacerdócio tem a sua história individual, relacionada com momentos bem precisos da vida de cada um. Quando chamava os Apóstolos, Cristo dizia a cada um: 'Segue-Me!'"

Kotlarczyk, o diretor do grupo de teatro, considerava Karol um excelente ator e não aceitou a decisão do amigo. Passou várias horas tentando fazê-lo desistir de abandonar o grupo e chegou a dizer que a arte também é uma grande missão. Até recordou a passagem do Evangelho que diz que os talentos não devem ser desperdiçados, mas Karol já estava decidido: trabalhando na pedreira, não teria tempo de estudar os textos para o teatro e, ao mesmo tempo, as matérias do curso de filosofia. Porém, nunca abandonou seus amigos atores e continuou assistindo as apresentações.

Em 1942, sabendo que o cardeal Sapieha mantinha um seminário clandestino, escondido no próprio Palácio Arquiepiscopal, Karol procurou o reitor, padre Jan Piwowarczyk, e se inscreveu como aluno de filosofia e teologia.

Aos vinte anos, só e faminto, já havia perdido todas as pessoas que amava, mas ainda tinha um coração para amar, por isso resolveu ser Padre. Em Cracóvia, havia um monastério de Padres Carmelitas Descalços, e Karol chegou até a pensar em ser um deles, mas o arcebispo, que precisava muito de Padres diocesanos no meio do povo, o desencorajou.

Mesmo não sendo um carmelita, nota-se que, em uma foto que tirou entre seus colegas operários da pedreira, Karol usava um escapulário de Nossa Senhora do Carmo. João Paulo II disse sobre essa devoção: ***"Também eu levo sobre meu coração, há tanto tempo, o Escapulário do Carmo. Pelo amor que tenho à celestial Mãe, cuja proteção experimento continuamente."***

Karol não podia contar a ninguém que era seminarista, e continuou com o seu trabalho na pedreira para não chamar a atenção dos nazistas.

Na fábrica, os poloneses responsáveis pelas obras, sempre que possível, transferiam os estudantes para funções menos pesadas. Karol foi trabalhar com o depurador de água da fábrica e passava mais tempo dentro do barracão; ali tinha oportunidade de ler de vez em quando.

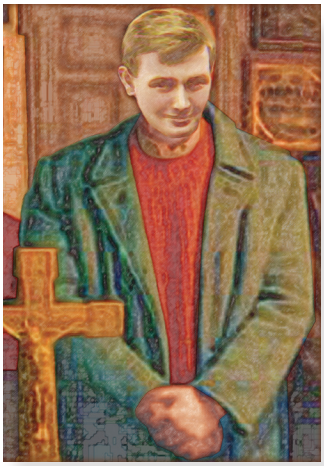
Os outros operários da pedreira perceberam que Karol estava estudando; eles sabiam que era preciso ser muito corajoso para arriscar a vida como aqueles jovens estudantes e não se incomodavam que ele levasse livros para o trabalho. No turno da noite, diziam: “Nós estaremos atentos; você, leia”. Ou: “Descanse, nós estaremos de guarda”. João Paulo II nunca mais esqueceu esses bons trabalhadores: ***“Encontrava, cada dia, gente que realizava duros trabalhos. Conheci seu ambiente, suas famílias, seus interesses, seu valor humano e sua dignidade...”***

Quando Karol saía de seu turno na pedreira da Usina Química Solvay, sempre caminhava pela estrada até uma pequena Igreja de madeira que ficava perto da fábrica ou até o cemitério do outro lado da cidade, para rezar junto ao túmulo do pai. Num desses dias, um caminhão alemão carregado de tábuas passou correndo por ele e o atropelou, batendo com as tábuas em sua cabeça. Karol ficou caído sobre o seu próprio sangue, como tantos poloneses durante aquela terrível guerra, sem ter quem o socorresse. Mas a providência Divina tinha planos para aquele jovem, ele sobreviveria...

Uma senhora que passava por ali viu aquele moço caído e lavou o seu ferimento com um pouco de água de uma bica. Com traumatismo craniano, ficou inconsciente por nove horas e passou mais quinze dias no hospital.

Depois, Karol ficou hospedado por uns tempos na casa de sua amiga Irena Szkocki, com o marido e a filha. Lá aconteciam os encontros clandestinos de jovens escritores, atores e pintores de Cracóvia. Para não perder tempo, começou a estudar francês com a Senhora Jadwiga Lewaj, que morava na casa dos Szkocki. Mesmo em meio à guerra, Karol achava um jeito de aprender coisas novas.

Em 1944, a resistência armada de Varsóvia se rebelou contra a invasão dos nazistas, mas acabou derrotada. Os alemães, temendo que isso se repetisse em Cracóvia, no dia 1 de agosto entraram nas casas armados, prendendo e matando todos que achassem suspeitos, foi o chamado “Domingo Negro”. Quando arrombaram a porta do apartamento onde morava Karol, milagrosamente não olharam no quarto, onde ele estava ajoelhado, rezando em silêncio.



Todos os dias, os sete seminaristas participavam da missa clandestina, com o arcebispo, antes de sairem para o trabalho. Um dia, um deles, Jerzy Zachuta, não apareceu. Karol foi até a sua casa e descobriu que Jerzy, na noite anterior, havia sido descoberto pela Gestapo.

Imediatamente, seu nome apareceu na lista de poloneses destinados a serem mortos. Dom Sapieha acabou escondendo Karol e os outros seminaristas no porão do arcebispado, onde passaram cinco meses sem ver o sol.

Os alemães e seus aliados, na ganância por poder, continuavam a invadir os países da Europa. Enquanto isso, o resto do mundo, sentindo-se ameaçado, uniu-se para combatê-los com um exército descansado e melhor armado: foi a Segunda Guerra Mundial. Para alívio de todos, os alemães começaram a perder a guerra.

Na noite do dia 18 de janeiro de 1945, o Exército Vermelho da Rússia, que havia sido traída por Hitler, entrou na cidade de Cracóvia e venceu o exército nazista. Os alemães, em retirada, explodiram a ponte Debnicki. Karol e seus outros seis seminaristas estavam participando da missa com Dom Sapieha quando todos os vitrais da capela estouraram com a força da explosão da ponte. Foi um susto e tanto!

Quando o exército russo entrou em Cracóvia, por onde passavam, os soldados famintos roubavam comida e as poucas coisas que os alemães haviam deixado para trás, como relógios e roupas de frio.

Na pedreira onde trabalhava Karol, prenderam os chefes alemães, enquanto uns oitenta trabalhadores poloneses se escondiam, sem saber o que esperar. Em meio à confusão, os russos gritavam: “Saiam, estão livres”.

O oficial russo logo descobriu que, entre eles, vários eram seminaristas, e havia uma ordem para prender os oficiais, religiosos e professores poloneses. Mas o oficial russo, Vasilyi Sirotenko, era professor de história medieval e tinha interesse em achar, entre aqueles seminaristas, alguém capaz de traduzir, do latim e do italiano para o polonês e o russo, alguns livros de história. Um dos seminaristas, apavorado, contou que na fábrica tinha um companheiro que era muito inteligente e capaz para idiomas: Karol Wojtyla.

Como Karol sabia também o russo, porque a mãe tinha descendência russa, passou a traduzir documentos para Vasilyi. Quando o general descobriu, disse a Vasilyi: “Camarada, que faz você com esse seminarista? Pensa ignorar as ordens de Stalin, nosso líder?” Vasilyi respondeu: “Não posso fuzilá-lo, é muito útil. Sabe idiomas e conhece a cidade. Eu assumo a responsabilidade”.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Polônia passou para o domínio político da União Soviética. Os líderes comunistas russos não acreditavam em Deus e começaram a perseguir a Igreja, só após a queda do comunismo é que a Polônia ganhou sua independência, com eleições livres, em 1989.

Então, saíram os primeiros trens com prisioneiros para a Sibéria, com pessoas que nunca mais voltaram. Os seminaristas da pedreira Solvay estavam na lista, mas Vasilyi Sirotenko os salvou.

Os poucos judeus que sobreviveram foram soltos pelos russos. Entre eles, Edith, uma menina judia de treze anos. Sozinha, doente e cheia de piolhos, chegou à pequena estação ferroviária em Cracóvia. Cansada, Edith ficou na estação por dois dias, sem água nem comida. O jovem seminarista Karol Wojtyla a viu ali, caída, a ponto de morrer. Foi buscar uma xícara de chá e um sanduíche de queijo e ajudou a menina a comer.

Anos depois, Edith contou: "Tentei caminhar para pegar o trem, mas caí no chão. Então, o jovem tomou-me em seus braços e me carregou em suas costas por uns 4 km na neve. Lembro de seu casaco marrom, a voz tranquila que me falou da morte de seus pais, de seu irmão, a solidão em que se encontrava e a necessidade de não se deixar levar pela dor e de combater para viver. Seu nome se gravou para sempre em minha memória: Karol Wojtyla salvou minha vida, como um anjo, como um sonho vindo do Céu".

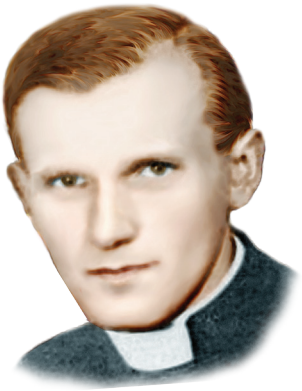
O GRANDE DIA

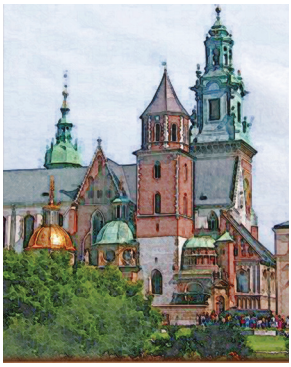
Karol, bem cedo, no Dia de Todos os Santos, 1 de novembro de 1946, foi até a casa do arcebispo. Apenas alguns amigos, entre eles o catequista coordenador do grupo Rosário Vivo. Jan e a madrinha Maria, irmã mais velha de sua mãe, foram com ele. Seria ordenado sacerdote.

Estava muito feliz e emocionado, enquanto, deitado no chão com os braços abertos em forma de cruz, ouvia a Ladainha de Todos os Santos.

Ele pensou em todos os seus amigos judeus, em sua família que já estava com Deus, pensou que se fazia sacerdote para os irmãos, o sentido mais profundo de toda espiritualidade sacerdotal: o padre Karol Wojtyla não estava mais sozinho, era irmão de todos. Como Papa, pensando em seu chamado, disse aos sacerdotes: ***"Toda vocação sacerdotal é um grande mistério, é um dom que supera infinitamente o homem."***

A primeira missa do padre Karol foi celebrada no dia 2 de novembro de 1946, na catedral de Cracóvia. Lá estão enterrados os heróis da Polônia: santos, poetas, mestres e reis, dos quais, quando era criança, ouvia as histórias contadas pelo pai.





Esse lugar simbolizava a coragem e a fé de seu povo. Numa de suas visitas à Polônia, João Paulo II, emocionado, disse: *"Toda a catedral parece repetir: 'Creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna!' Esta verdade de fé ilumina a história das nações."*

Apesar do sofrimento por perder a família, o ódio dos nazistas que mataram seus amigos e o comunismo perseguindo a Igreja da Polônia, ao erguer o Cálice com o Sangue de Cristo, naquele dia, padre Karol proclamou a vitória do bem sobre o mal. O perdão e a esperança que vinham de sua fé fizeram dele um vencedor. Pois Jesus, morrendo na cruz por amor e vencendo a morte ressuscitando, provou que o mal não resiste muito tempo onde existe amor, pois não há força maior que esse sentimento.

E VOCÊ?

A vocação, mais que uma escolha, é um chamado de Jesus. Ele chama de muitos modos: pelos acontecimentos, pelos talentos que temos, na oração. Se você já ouviu o seu chamado e, assim como Karol, descobriu sua linda vocação, parabéns! É preciso cuidar bem dessa descoberta: como um tesouro! Sabe como? Assim: primeiro, escolha um movimento em sua comunidade para se engajar e participe sempre da Santa Missa e do Sacramento da Confissão, para crescer na amizade com Jesus. Depois, fuja do pecado e das companhias que o afastam de uma vida pura e saudável. E não se esqueça de rezar todos os dias o terço, para que Nossa Senhora guarde seu futuro. Não importa qual seja o seu chamado: a vida consagrada numa comunidade religiosa, o casamento ou o sacerdócio, a história de heróis, como Karol Wojtyla, prova que certamente é possível fazer grandes coisas e ser feliz, se tudo fizer por amor.

"Eu sou o caminho, a verdade e a vida." (Jo 14,6)

JESUS É QUEM BUSCAIS

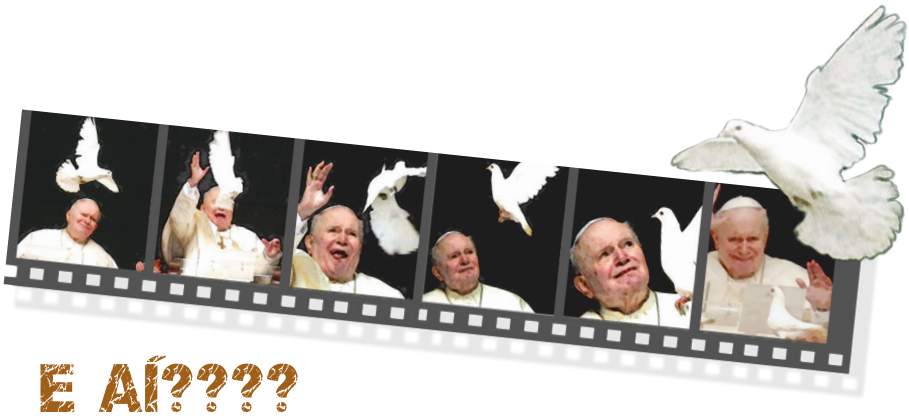
"Jesus é quem buscais quando sonhais a felicidade. É Ele quem vos espera, quando nada do que encontrais vos satisfaz.

Ele é a beleza que tanto vos atrai, é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos, é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa. É Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros quereriam sufocar.

É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna."

Joannes Paulus PP II

XV Jornada Mundial da Juventude - Vigília de Oração Tor Vergata.
Sábado, 19 de agosto de 2000.



E AÍ????

Gostou de Karol Wojtyla?! Espero que encontre o caminho que fez dele vencedor: um grande amor por Jesus Cristo e pelo próximo.

Sabe, a gente cresce rápido, parece que foi ontem que eu tinha onze anos e vi pela primeira vez João Paulo II... Vocês estão crescendo. Um dia também serão pais, como eu. Desde já, podem aprender com os pais de João Paulo II que nossa fé em Deus é o melhor que podemos dar aos nossos filhos, mais que faculdades caras ou fortuna. Foi a fé que sustentou Karol quando os pais não estavam mais por perto para garantir sua segurança e felicidade. Jesus Cristo é uma herança que ninguém pode roubar, uma razão para viver e ser feliz, mesmo nos tempos de maior provação. Com amizade,

Adelita Rozetti Frulane

adelita@cancaonova.com

DESCUBRA ESSA TRILHA...

No facebook: **http://goo.gl/PD0eqP**

No blog: **http://goo.gl/ARhmB8**

No youtube: **http://goo.gl/ZYxo7X**

Podcast: *Como educar um Vencedor*
http://goo.gl/4KfXVY

ONDE PESQUISEI

BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marcos. *Sua Santidade:* João Paulo II e a história oculta do nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

WOJTYLA, Karol. *Levantai-vos, vamos.* São Paulo: Planeta, 2004.

DOCUMENTOS E TESTEMUNHOS NA INTERNET

(Considerando que esta pesquisa foi realizada entre 2005 e 2006, alguns destes documentos podem não estar mais disponíveis).

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/index_po.htm>.

Homilia de João Paulo II na abertura da Porta Santa da Basílica de São João de Latrão. 25 dez. 1999. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1999/documents/hf_jp-ii_hom_25121999_po.html>.

Don y Misterio. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/books/gift_mystery/documents/archive_gift-mystery_book_1996_sp.html>.

Discurso do Santo Padre no Rito de Acolhimento (Jubileu dos Jovens). 15 ago. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/documents/hf_jp-ii_spe_20000815_gmg-accoglienza2_po.html>

Discurso do Papa João Paulo II por ocasião do encontro com as crianças na Baixa do Bonfim (Viagem Apostólica no Brasil). 20 out. 1991. Disponível em: < http://www.vatican.va//holy_father/john_paul_ii/speeches/1991/october/documents/hf_jp-ii_spe_19911020_bambini-salvador_po.html>.

Discurso do Santo Padre (XV Jornada Mundial da Juventude – Vigília de Oração). 19 ago. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/documents/hf_jp-ii_spe_20000819_gmg-veglia_po.html>.

Discurso de Acolhimento junto à Basílica São João (Jubileu dos Jovens). 15 ago. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/documents/hf_jp-ii_spe_20000815_gmg-accoglienza1_po.html>.

Homilia do Papa João Paulo II na Cerimônia de Beatificação dos Veneráveis Francisco e Jacinta. 13 maio 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/travels/documents/hf_jp-ii_hom_20000513_beatification-fatima_po.html>.

Carta do Papa às crianças no ano da Família. 13 dez. 1994. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/documents/hf_jp-ii_let_13121994_children_po.html>.

Ângelus (Jubileu das Crianças). 2 jan. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/angelus/documents/hf_jp-ii_ang_20000102_po.html>.

Carta Apostólica **Rosarium Virginis Mariae** do Sumo Pontífice João Paulo II ao clero e aos fiéis sobre o Rosário. 16 out. 2002. Disponível em: < http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae_po.html>.

Revelações do oficial soviético que salvou Karol Wojtyla. Disponível em: <http://www.zenit.org/spanish/archivo/0105/ZS010503.htm#5128>.

Confidências dos amigos de Karol Wojtyla. Disponível em: <http://www.zenit.org/spanish/archivo/9810/ZS981015.html#a6>.

Homilia do cardeal Ratzinger na Missa de exéquias de João Paulo II. 8 abr. 2005. Disponível em: <http://www.zenit.org/portuguese/visualizza.phtml?sid=68912>.

Uma amizade que mudou a relação entre judeus e católicos. Disponível em: <http://www.zenit.org/portuguese/archivo/9808/zp980820.html>.

Encontro do Papa com os amigos de infância. Ago. 1998. Disponível em: <http://www.zenit.org/portuguese/archivo/9808/zp980820.html>.

AGUILÓ, Alfonso. *Karol Wojtyla:* uma juventude passada na adversidade, o enigma de uma biografia. Disponível em: <http://www.interrogantes.net/includes/documentoph p?IdDoc=758&IdSec=4>.

Pesquisa realizada por Helen Whitney e Jane Barnes (Documentário em inglês: "John Paul II: The Millenial Pope"). Disponível em: <http://www.newshour.org/wgbh/pages/ frontline/shows/pope/etc/bio.html>.

Testemunho de Halina Krolikiewicz-Kwiatko. Disponível em: <http://www.lepoint.fr/societe/documenthtml?did=161022>.

Testemunho de Tad Szulc, jornalista e um dos biógrafos do Papa João Paulo II. Disponível em: <http://www.epoca.globo. com/especiais/papa2005/ensaio.htm>.

Testemunho de Edith Zierer, a jovem judia salva pelo seminarista Karol Wojtyla. Disponível em: <http://www. visaojudaica.com.br/Abril2005/artigos/15.htm>.

O amigo de infância que ajudou o Papa com Israel por Laurie Goodstein do jornal New York Times. Disponível em: <http://www.clarin.com/diario/1998/03/31/i-03201d. htm>.

WIEGEL, George. *Testemunha da Esperança:* a Biografia do Papa João Paulo II. Disponível em: <http://www.seleccoes. pt/Revista/detalhe.asp?tipo=detalhe&area=16&ID=4402&Gru po=63>.

Entrevista com Jerzy Kluger, amigo de infância de Karol Wojtyla. Disponível em: <http://www.welt.de/data/2005/04/04/621545.html>.

Testemunho de Danuta Michałowska sobre o Grupo de Teatro Rapsodyczny nos anos da ocupação nazista. Disponível em: <http://www.niedziela.pl/artykul/80397/nd/Teatr-Rapsodyczny>.

Testemunho do cardeal Stanislaw Dziwisz, arcebispo de Cracóvia. Disponível em: <http://youtu.be/DEIecFs6EHc>.

Sobre a Segunda Guerra e a invasão da Polônia. Disponível em: <http://polonia-heroica.blogspot.com.br/>.

Canonização. Disponível em: <http://2papisanti.org/Pages/HomePage.aspx>.

Papa Francisco e papa Emérito Bento XVI sobre a canonização de João Paulo II. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2014/documents/papa-francesco_20140425_videomessaggio-polacchi.html>.

Sobre a cerimônia de Canonozação. Disponível em: < http://www.donortenews.com.br/noticia/joao-paulo-ii-e-joao-xxiii-sao-canonizados-pela-igreja/5470>.